

CONVERGÊNCIA

DEZEMBRO - 2001 - ANO XXXVI - N. 348

ISSN 0010-8162

- Ética e Gênero: o paradigma do cuidado
- Mística da Solidariedade na Vida Religiosa
 - Cidadãos de Fé
- O Dinamismo da Missão e a Experiência de Jesus em Lc 4



SUMARIO

Editorial	581
Palavra do Papa	584
Informe CRB	588
Artigos	591
Ética e Gênero: o paradigma do cuidado	591
<i>ROQUE JUNGES, SJ</i>	
Mística da Solidariedade na Vida Religiosa	610
<i>IR. MARIA CARMEN CASTANHEIRA AVELAR, SALESIANA</i>	
Cidadãos de Fé	624
<i>SANTIAGO RAMIREZ, OFM</i>	
<i>PRESIDENTE DA FAMÍLIA FRANCISCANA NO EQUADOR</i>	
O Dinamismo da Missão e a Experiência de Jesus em Lc 4	635
<i>TOMAZ HUGHES, SVD</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

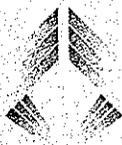
ASSINATURA PARA 2002:

BRASIL: Terrestre ou aérea R\$ 80,00

Número avulso R\$ 8,00 ou US\$ 8,50

EXTERIOR: Terrestre ou aérea US\$ 85,00
ou o correspondente em R\$ (Reais).

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Ir. Máris Bolzan, SDS

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 2240-7299

e-mail: crbnacional@crbnacional.org.br

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br



É Tempo de Utopia

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

Na espiritualidade cristã, o Advento é tempo de esperança. A expectativa gozosa da manifestação libertadora de Deus, sempre nova e atual, é o fio condutor que perpassa a liturgia, as celebrações, a leitura orante da Palavra, enfim a vida toda da comunidade cristã na sua cotidianidade. Na perspectiva da comemoração do Natal, revigora-se nas comunidades o sentido mais profundamente teológico da utopia e cresce a convicção de que o reino de Deus está sempre *vindo*, sempre *chegando*, sempre *acontecendo de novo* na história humana, sempre apontando para metas plenas e definitivas.

O momento atual do nosso mundo, com suas perplexidades e inseguranças, com seus conflitos e sua vulnerabilidade, com suas esperanças e expectativas, confere ao Advento deste ano uma carga simbólica de peculiar densidade. A paz mundial está sobremaneira fragilizada; a convivência humana e o entendimento entre povos, culturas e religiões, ameaçados por conflitos de extrema gravidade, por novas e sempre mais sofisticadas formas de agressão e destruição; a lógica da força e das armas parece sobrepor-se ao bom senso e ao sentido humanitário. Os conceito de *bem* e de *mal* com sua notória capacidade de ressonância no imaginário coletivo, são manipulados de forma inescrupulosa para uma pseudo-justificativa de gestos e ações incapazes de garantir a superação de velhos e novos conflitos históricos. Por outro lado, há um generalizado anseio de superar os antagonismos e a beligerância posta a serviço da dominação e da exclusão. Há um sonho coletivo, cada vez mais definido, de ultrapassar metas já atingidas na edificação de uma sociedade onde caibam todos e todas, onde a casa comum seja respeitada e cuidada. No bojo deste momento histórico convivem ódios e desavenças ancestrais com a ineliminável utopia de um mundo novo onde “floresçam a justiça e a paz”.

Neste contexto histórico, a celebração do Advento e do Natal nas comunidades cristãs e de vida religiosa pede ser vivida em toda a sua densidade teológico-espiri-

tual. Longe de reduzir-se a uma rotineira seqüência de ritos, gestos e devoções, tem que ser a profunda experiência da graça libertadora de Deus no evento encarnatório, presente de forma definitiva na história humana. Tem que ser a reafirmação do compromisso com os valores do reino de Deus, que contradizem frontalmente as ideologias e os pseudo-valores que pretendem reger hoje a história humana. Para os seguidores de Jesus a palavra definitiva não é o ódio, mas o amor; a grande batalha a ser vencida não é uma suposta e abstrata batalha do “bem” contra o “mal”, mas a batalha da solidariedade pela vida contra todas as realidades geradoras de morte.

Na situação do mundo atual em que estamos todos mergulhados, a “lição” do Advento é clara: É preciso manter acesa a chama da esperança ainda que as evidências insistam em negá-la. É preciso alimentar nas consciências a convicção de que a utopia do reino aponta para uma *globalização utópica*: a *globalização* da solidariedade e da convivialidade humana, na harmonia da casa comum de todos e de todas, onde, finalmente “justiça e paz se encontrem e se dêem as mãos”.

Nesta perspectiva, vale a pena refletir de novo sobre algumas teses do Manifesto do Foro Internacional de Alternativas, de 1998, intitulado “Está na hora de reverter o curso da história”:

Está na hora de pôr a economia a serviço dos povos.

Está na hora de derrubar o muro entre o Norte e o Sul.

Está na hora de encarar a crise de civilização.

Está na hora de rejeitar o poder do dinheiro.

Está na hora de transformar o cinismo em dignidade e a dignidade em poder.

Está na hora de reconstruir e democratizar o Estado.

Está na hora de sermos verdadeiros cidadãos.

Está na hora de voltar a valorizar os valores coletivos.

Está na hora de globalizar as lutas sociais.

Está na hora de despertar a esperança dos povos.

Chegou o tempo das convergências.

Abre-se diante de nós o tempo de um pensamento criador e universal.

O tempo da ação já começou.”

CONVERGÊNCIA deste mês de dezembro quer fazer chegar às comunidades votos de paz e de um novo ano a serviço das grandes causas que preocupam hoje todos aqueles e aquelas que de alguma forma nos comprometemos com o recém-nascido de Belém. Quer também oferecer aos seus leitores e leitoras textos de indiscutível qualidade que possam ajudar a sua reflexão/ação na trajetória de seguimento de Jesus, dentro do cenário conflitivo e desafiador do momento histórico atual.

“*Ética e gênero: o paradigma do cuidado*” – de **Roque Junges, SJ** – é um texto de particular relevância hoje. Com a competência que lhe é própria, o autor apresenta uma reflexão original e pro-vocadora, de caráter antropológico-cultural, sobre o significado e o alcance do novo paradigma ético que se vem construindo a partir da categoria do cuidado, típica da pós-modernidade. Para o autor, o

“projeto da modernidade aponta para um ser humano forte e autônomo... Esse paradigma está em crise... A perspectiva do cuidado, introduzida e desenvolvida pela reflexão de gênero, aponta para outra visão... Vulnerabilidade e interdependência constituem os pressupostos antropológicos do paradigma do cuidado”. O artigo estabelece uma nova maneira de pensar as relações fundamentais que regem a convivência da pessoa humana no e com o planeta terra, e postula uma mudança radical no modo de conceber e viver tais relações.

O artigo de **Maria Carmen Castanheira Avelar**, salesiana, – “*Mística da solidariedade*” – é uma leitura teológico-pedagógica dessa atitude humana fundamental da solidariedade e de suas implicações no contexto do mundo atual. O texto pretende ajudar as comunidades religiosas a refletirem com profundidade e com sentido prático sobre o seu compromisso com a transformação da sociedade de hoje, estruturada na ótica da globalização excludente. Para a autora, “é urgente provocar a contaminação do ‘vírus’ da solidariedade em nossas comunidades, uma vez que parece ser ela a ‘vacina’, o ‘antídoto’ contra o mal da exclusão, da discriminação, da globalização colonizadora, do fechamento egoísta, das distorções ecológicas, das diferenças mal trabalhadas.” O artigo é um convite a uma verdadeira *conversão* aos ideais da solidariedade e da comunhão, valores fundamentais da mensagem e da prática de Jesus.

Santiago Ramirez, OFM, no seu artigo – “*Cidadãos de fé*” – apresenta uma sólida e inspirada reflexão sobre a autêntica condição cristã no mundo de hoje, sob o símbolo da itinerância. Para o autor, a vida religiosa na América Latina, mais que em tempo de exílio, encontra-se em situação de itinerância, vista como um caminho do Espírito. Depois de caracterizar o paradigma da itinerância, o texto apresenta os grandes eixos dessa espiritualidade que anima e dinamiza os seguidores de Jesus na Vida Religiosa hoje. O tronco de árvore podado e à espera do novo “renascer” é, na expressão do autor, um símbolo forte da espiritualidade própria dos tempos atuais: “o *toco* tem vida, força, seiva na raiz, mantém a esperança no que vem. Tem raiz e sonho. Significa a sobrevivência do povo, a resistência. É gratuidade, permanece, vive, espera. Convida à fé e à esperança com certeza radical e provada.” A imagem é, sem dúvida, uma forte interpelação às comunidades, no sentido de rever atitudes e práticas diante das reais dificuldades com que o seguimento de Jesus se confronta hoje, sem permitir que o desalento e o medo prevaleçam sobre a esperança, o sonho e a utopia.

“*O dinamismo da Missão e a experiência de Jesus em Lc 4*” – de **Tomaz Hughes, SVD** – é um texto sugestivo, capaz de levar religiosas e religiosos a um repensamento da sua missão no mundo de hoje. Partindo de uma breve leitura da caminhada da Palavra descrita por Lucas, o autor se detém numa reflexão sobre as tentações de Jesus no deserto, mostrando como a Vida Religiosa está hoje, em certo sentido, ameaçada por essas mesmas tentações do *ter*, do *prazer* e do *poder*. Num segundo momento, o texto apresenta os grandes eixos da missão de Jesus, que devem ser fonte de inspiração e dinamismo para os seus seguidores de todos os tempos.



Palavra do Papa

Homilia do Santo Padre na solene Concelebração Eucarística para o encerramento do Sínodo dos Bispos

Roma, 27 de Outubro de 2001

1. *"Anunciaremos aos povos a salvação do Senhor".*

Estas palavras do Salmo responsorial exprimem bem a atitude interior que nos une, venerados Irmãos, no final da X Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos. O prolongado e aprofundado diálogo sobre o tema do episcopado renovou em cada um de nós a apaixonada consciência da missão que nos foi confiada pelo Senhor Jesus Cristo. Com ardor apostólico, em nome de todo o colégio episcopal que aqui representamos, reunidos junto do túmulo do apóstolo Pedro, queremos confirmar a nossa adesão conjunta ao mandato que nos foi deixado pelo Ressuscitado: *"Anunciaremos aos povos a salvação do Senhor"*.

É como que uma nova partida, na onda do grande jubileu de 2000 e no início do terceiro milênio cristão. A primeira Leitura, o oráculo messiânico de Isaías que ressoou muitas vezes durante o Ano Santo, levou-nos para o clima jubilar. Trata-se de *um anúncio repleto de esperança* para todos os povos e os aflitos. É a inauguração do "ano da misericórdia do Senhor" (*Is 61,2*), que encontrou no jubileu a sua expressão forte, mas que transcende todo o calendário para se alargar a todas as partes onde chega a presença salvífica de Cristo e do seu Espírito.

Enquanto hoje voltamos a escutar este anúncio, sentimo-nos confirmados na convicção expressa no final do grande jubileu: "A porta que é Cristo" permanece mais escancarada do que nunca, para as gerações do novo milênio (cf. *Novo millennio ineunte*, 59). Com efeito, Cristo é a esperança do mundo. A tarefa da Igreja e, de maneira particular, dos apóstolos e dos seus sucessores, consiste em difundir o seu evangelho até aos confins da terra.

2. A exortação do apóstolo Pedro aos "anciãos", escutada na segunda Leitura, assim como a perícopre evangélica, agora proclamada, utilizam a simbologia do pastor e da grei, apresentando o ministério de Cristo e dos Apóstolos em chave "pastoral". "Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado", escreve São Pedro, recordando o mandato que ele mesmo tinha recebido de Cristo: *Apascenta as minhas ovelhas... Apascenta os meus cordeiros*" (Jo 21, 15-17). E, ainda mais significativa, é a auto-revelação do Filho de Deus: "Eu dou a vida pelas minhas ovelhas" (cf. Jo 10,15).

Por isso, Pedro define-se "testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há-de manifestar-se" (1 Pd 5,1). Na Igreja, o pastor é, em primeiro lugar, portador deste testemunho pascal e escatológico, que encontra o seu ápice na celebração da eucaristia, memorial da morte do Senhor e prenúncio da sua volta gloriosa. Por conseguinte, a celebração da eucaristia é a ação pastoral por excelência: o "fazei isto em memória de mim" exige não apenas a repetição ritual da Ceia, mas também, como consequência, a disponibilidade para se oferecer a si mesmo pelo rebanho, segundo o exemplo de tudo o que ele realizou durante a sua vida e, sobretudo, na sua morte.

3. A imagem do Bom Pastor foi recordada várias vezes durante estas semanas nas intervenções na sala sinodal. Com efeito, ela é o "ícone" que, ao longo dos séculos, inspirou muitos santos bispos e que, melhor do que qualquer outro, realça as tarefas e o estilo de vida dos sucessores dos apóstolos. Nesta perspectiva, não se pode deixar de observar que a Assembléia sinodal, que hoje encerramos, se liga espiritualmente a todo o magistério que a Igreja nos deixou ao longo da sua história. Basta pensar, por exemplo, no Concílio de Trento, do qual estamos separados por um período de cerca de quatro séculos e meio. Entre os motivos pelos quais esse concílio teve uma enorme influência inovadora no caminho do Povo de Deus, estava sem dúvida a nova proposta da *cura animarum* como primeira e principal tarefa dos Bispos, comprometidos em *residir de maneira estável com o seu rebanho* e em formar válidos colaboradores no ministério pastoral, mediante a *instituição dos seminários*.

Quatrocentos anos mais tarde, o Concílio Vaticano II retomou e desenvolveu a lição do concílio tridentino, abrindo-o aos horizontes da nova evangelização. No alvorecer do terceiro milênio, a figura ideal do bispo, com que a Igreja continua a contar, é a do Pastor que, configurado com Cristo na santidade da vida, se dedica generosamente em favor da Igreja que lhe foi confiada tendo no coração, ao mesmo tempo, a solicitude por todas as Igrejas espalhadas pela terra (cf. 2 Cor 11,28).

4. O Bispo, bom Pastor, encontra luz e força para o seu ministério na Palavra de Deus, interpretada na comunhão da Igreja e anunciada com fidelidade corajosa "oportuna e inoportunamente" (2 Tm 4,2). Mestre da fé, o bispo promove tudo o que há de bom e de positivo na grei que lhe é confiada,

sustêm e orienta quantos são frágeis na fé (cf. *Rm 14,1*), intervêm para desmascarar as falsificações e combater os abusos.

É importante que o bispo tenha consciência dos desafios que hoje a fé em Cristo encontra por causa de uma mentalidade assente em critérios humanos que, por vezes, tornam relativos a lei e o desígnio de Deus. Sobretudo, ele deve ter a *coragem de anunciar e defender a sã doutrina*, mesmo quando isto comporta sofrimentos. Com efeito, em comunhão com o colégio apostólico e com o Sucessor de Pedro, o Bispo tem o dever de proteger os fiéis contra todos os tipos de ameaça, mostrando numa *volta sincera ao evangelho de Cristo* a verdadeira solução para os complexos problemas que pesam sobre a humanidade. O serviço que os bispos são chamados a prestar em favor do seu rebanho será uma fonte de esperança, na medida em que refletir uma *eclesiologia de comunhão e de missão*. Nos encontros sinodais destes dias, realçou-se várias vezes a necessidade de uma espiritualidade de comunhão. Citando o *Instrumentum laboris*, repetiu-se que *“a força da Igreja é a comunhão, e a sua debilidade é a divisão e a oposição”* (n. 63).

Somente se for claramente perceptível uma profunda e convicta *unidade dos Pastores entre si e com o Sucessor de Pedro*, assim como *dos bispos com os seus sacerdotes*, poderá dar-se uma resposta credível aos desafios que provêm do atual contexto social e cultural. Caríssimos irmãos, membros da assembléia sinodal, a este propósito desejo expressar-vos a minha mais reconhecida estima pelo testemunho que, durante estes dias, destes da alegre comunhão na solicitude pela humanidade do nosso tempo.

5. Gostaria de pedir que transmitísseis a minha saudação aos vossos *fiéis* e, de maneira especial, aos vossos *sacerdotes*, aos quais não deixareis de reservar uma atenção especial, estabelecendo com cada um deles um relacionamento direto, repleto de confiança e cordialidade. Além disso, sei que procurais fazê-lo, persuadidos de que uma diocese só funciona bem se o seu clero estiver alegremente unido, na caridade fraterna, à volta do seu bispo.

Depois, peço-vos que saudeis os *bispos eméritos*, levando-lhes a expressão do meu reconhecimento pelo trabalho que levaram a cabo ao serviço dos seus fiéis. Desejei que, nesta Assembléia sinodal, estivesse presente uma sua representação, para refletimos também sobre este tema, que é novo na Igreja, dado que nasceu de um desejo do Concílio Vaticano II, para o bem das Igrejas particulares. Formulo votos a fim de que cada Conferência Episcopal estude uma forma de valorizar os bispos eméritos que ainda gozam de boa saúde e se sentem ricos de energia, confiando-lhes algum serviço eclesial e, sobretudo, o estudo dos problemas para cuja solução têm a experiência e a competência, chamando quem está disponível, para fazer parte de uma ou outra comissão episcopal, ao lado dos irmãos mais jovens, a fim de que se sintam sempre membros vivos do Colégio episcopal.

Desejaria ainda transmitir uma saudação especial inclusivamente aos *bispos da China Continental*, cuja ausência no Sínodo não nos impediu de sentir a proximidade espiritual na recordação e na oração.

6. *“Quando o supremo Pastor aparecer, receberéis a coroa da glória que jamais se ofuscará” (1 Pd 5,4)*. No encerramento desta primeira Assembléia sinodal do terceiro milênio, é-me grato recordar os 22 Bispos canonizados durante o século XX: *Alexandre Maria Sauli*, Bispo de Pavia; *Roberto Bellarmino* Cardeal, Bispo de Cápua, Doutor da Igreja; *Alberto Magno*, Bispo de Ratisbona, Doutor da Igreja; *João Fisher*, Bispo de Rochester, Mártir; *António Maria Claret*, Arcebispo de Santiago de Cuba; *Vicente Maria Strambi*, Bispo de Macerata e Tolentino; *Antônio Maria Gianelli*, Bispo de Bobbio; *Gregório Barbarigo*, Bispo de Pádua; *João de Ribera*, Arcebispo de Valença; *Olivier Plunkett*, Arcebispo de Armagh, Mártir; *Justino De Jacobis*, Bispo Titular de Nilópolis, Vigário Apostólico da Abissínia; *João Nepomuceno Neumann*, Bispo de Filadélfia; *Jerônimo Hermosilla*, *Valentino Berio-Ochoa* e outros seis Bispos, Mártires no Vietname; *Ezequiel Moreno y Diaz*, Bispo de Pasto; e *Carlos José Eugênio de Mazenod*, Bispo de Marselha. Além disso, daqui a menos de um mês, terei a alegria de proclamar Santo *José Marelló*, Bispo de Aqui.

Deste grupo eleito de *santos pastores*, que se poderia alargar à *numerosa plêiade de bispos beatificados*, sobressai como num mosaico o Rosto de *Cristo Bom Pastor e Missionário do Pai*. É neste ícone vivo que fixamos o nosso olhar, no início da nova época que a providência abre à nossa frente para sermos, com uma dedicação cada vez maior, servidores do evangelho, esperança do mundo.

Oxalá a Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos nos assista no nosso ministério.

Ela resplandece em todos os tempos, no horizonte da Igreja e do mundo, como sinal de consolação e de esperança segura.

E também nos confiamos à tua assistência maternal, ó Virgem Maria. Tu, que guiaste os primeiros passos da comunidade cristã, sê também amparo e encorajamento para nós. Intercede por nós, Maria, que, com as palavras do Servo de Deus, Paulo VI, invocamos como “Auxílio dos Bispos e Mãe dos Pastores”. Amém.

Joannes Paulus n. II



Vinho Novo em Odres Novos

Foi a fonte inspiradora do Encontro anual da CRB, acontecido em Mendes/RJ, de 22 a 26 de outubro de 2001. Estiveram presentes a Diretoria Nacional, a Coordenação Executiva Nacional (CEN), alguns membros dos Conselhos Superior e Fiscal, e todos os/as Presidentes e Assessoras das Regionais; ao todo, 67 participantes. O salão onde se realizou o Encontro era uma réplica menor do auditório da XIX AGO: nove mesas de 7 ou 8 pessoas que viveriam, nesses dias, a experiência de uma pequena comunidade.

A espiritualidade integradora, um dos Marcos Inspiradores da XIX AGO, foi profundamente vivenciada nas celebrações; e todas e todos beberam do vinho novo e bom que está sendo fermentado nas diversas realidades das Regionais.

A presidente, ir. Máris Bolzan, SDS, abriu o Encontro convocando os e as participantes a "voltar o olhar para os fundadores e fundadoras que, como sábios interlocutores, revestidos de graça carismática, perscrutaram os caminhos de Deus e da humanidade, e com espírito aberto, firmeza de fé, se preocuparam, sonharam e se lançaram, com iniciativas audaciosas, em busca de caminhos novos, de mais vida para a sociedade de sua época".

Num segundo momento, a presidente fez uma excelente retrospectiva da história da CRB, desde a sua fundação, e apresentou uma síntese das últimas Assembléias Gerais, desde 1980. Destacou os eixos condutores dessas Assembléias e ressaltou a mística que impulsiona a vida da CRB.

O tema inspirador da XIX AGO - "Tempo de Sinais. Sinais dos Tempos" - segundo a presidente, leva-nos a buscar a fidelidade criativa, ao longo da

história e a partir dos desafios atuais, como resposta que nos comprometa no processo de refundação, e alimente nossa esperança presente/futura para ler os sinais e sermos sinal de Deus no mundo de hoje.

Dois eixos orientaram os cinco dias do Encontro: a partilha das diversas realidades do Brasil, e o estudo sobre o Processo de Planejamento Participativo que orientará as ações da CRB, Nacional e Regionais.

Todas as Regionais apresentaram uma avaliação positiva de suas respectivas Assembléias, acontecidas nos meses de agosto a outubro, com bons assessores e assessoras, e todas elas selecionaram, segundo suas respectivas realidades, três ou quatro Marcos Indicadores aprovados na XIX Assembléia Geral da CRB.

Do vinho novo que se bebeu das realidades apresentadas, queremos ressaltar:

- surgimento de novas formas de Vida Religiosa;
- crescimento do compromisso social da Vida Religiosa;
- formação inculturada, inserida, e em lugares distantes;
- intercongregacionalidade;
- parcerias com leigos e leigas, e outros organismos;
- presença significativa em assentamentos e junto aos empobrecidos;
- Projeto "Tua Palavra é Vida" – força e luz na caminhada;
- rearticulação das pequenas comunidades inseridas;
- valorização das assessorias locais e regionais;
- comunhão e participação em algumas igrejas locais;
- vida religiosa com rosto indígena, caboclo e negro;
- itinerância intercongregacional (igrejas-irmãs);
- projetos de formação permanente, e específicos para a 3ª idade.

A partilha das Regionais se transformou num dia celebrativo que nos proporcionou alegria, descontração, compromisso e esperança renovada. Calou fundo em nós, também, a consciência de nossa pequenez diante das necessidades e desafios no Brasil e no mundo de hoje. Cresce em todas as Regionais o desejo de iniciar e fazer acontecer o processo de Análise Institucional, não só internamente, como também colaborando com as congregações motivadas a viver esse processo, como um instrumento de refundação.

Ir. Máris e pe. Marcos Sandrini, SDB, coordenaram os dois dias dedicados ao estudo sobre o Processo de Planejamento Participativo (PPP). Partindo do pressuposto de que planejar é um ato de pensar nossa ação, caberia a CRB operacionalizar a Mensagem e os Marcos Indicadores assumidos na XIX AGO. A dinâmica consistiu em trabalhos nas mesas sobre as três etapas metodológicas do PPP:

1. elaboração do Marco Referencial (Situacional, Doutrinal e Operativo);
2. elaboração do Diagnóstico;
3. elaboração da Programação.

Sob a orientação do pe. Marcos, as mesas trabalhavam as etapas, um grupo sintetizava e havia, depois, um plenário para troca de idéias, correções e enriquecimentos. Todo esse material será re-elaborado pela CEN e Diretoria Nacional culminando com a publicação do Plano Global de Ação da CRB para o triênio 2001-2004.

No final de Encontro, a presidente comunicou a inscrição da CRB, como organismo, no 2º Fórum Social Mundial, a se realizar em Porto Alegre/RS, de 31 de janeiro a 05 de fevereiro de 2002. Alertou para a importância do evento como alternativa ao mundo neo-liberal, globalizado e excludente. A CRB terá uma oficina, provavelmente, sobre "Questões de Gênero e Parcerias". Ir. Máris incentivou as Regionais a procurarem inscrever o maior número possível de participantes, para que a vida religiosa possa marcar a sua presença como um organismo a mais na busca de uma sociedade justa e fraterna.

Os/as participantes saíram satisfeitos/as, renovados/as e foram para uma rápida visita à sede da Nacional onde foram gentilmente recepcionados pelos funcionários e funcionárias, comprovando, mais uma vez, o sentido de pertença, e a nossa comunhão com os leigos e leigas.



*Nossos Votos
de abençoado e
Feliz Natal
para todos os
religiosos e religiosas.*



Ética e Gênero:

o paradigma do cuidado

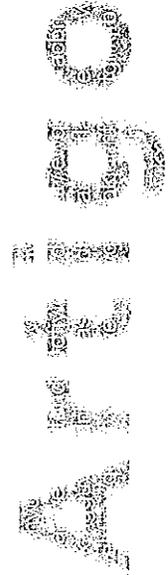
ROQUE JUNGES SJ

A modernidade significou o surgimento do indivíduo diante do grupo social, a invenção da autonomia em relação à heteronomia da lei, a consciência da dignidade de todo ser humano frente à sua redução à mercadoria e objeto, a formulação dos direitos humanos como reação à diversas formas de discriminação. Nunca a pessoa humana tinha recebido tal reconhecimento social e respaldo jurídico em sua liberdade e dignidade. Esse processo cultural foi possibilitado pela superação de muitos determinismos naturais e sociais facilitados pelo progresso da ciência e da técnica. O ser humano tornou-se protagonista da sua história, tomando sempre mais em suas mãos o controle dos dinamismos naturais e sociais.

Na medida em que crescia o espaço de liberdade aumentava na mesma proporção o poder de intervenção e domínio do ser humano sobre o seu ambiente natural e social. A natureza foi objetivada pela ciência e transformada pela técnica a serviço do bem-estar dos humanos. A sociedade foi organizada sob critérios de igualdade e liberdade, tendo como objetivo máximo a construção da justiça. Essas potencialidades criaram no ser humano uma autoconsciência de senhorio

e força, obscurecendo a percepção da sua fragilidade e fazendo esquecer a vulnerabilidade do seu entorno.

Nesse sentido crescem as situações em que os seres vivos e o próprio ser humano encontram-se fragilizados e ameaçados em sua sobrevivência e desenvolvimento. Muitos processos vitais submetidos à uma crescente intervenção humana encontram-se à beira da exaustão dos seus recursos e manifestam efeitos deletérios. Os problemas ecológicos são uma demonstração. Não se levou em consideração a vulnerabilidade dos equilíbrios vitais dos ecossistemas. As biotecnologias aplicadas ao ser humano abrem possibilidades promissoras, mas ao mesmo tempo comportam riscos que, em vez de superar, expõe ainda mais a sua fragilidade. As técnicas criadas para melhorar a saúde e facilitar o desenvolvimento humano no seu início e o seu desempenho no final trouxeram inúmeros benefícios, mas ao mesmo tempo fizeram medrar patologias no exercício da medicina e ameaças de manipulações no uso das biotecnologias, principalmente aquelas a serviço da reprodução e reanimação



humanas. A bioética está na ordem do dia como resposta a esses desafios.

Trata-se de questões éticas que preocupam a humanidade, exigindo uma resposta. A modernidade procurou equacionar eticamente os problemas que afligiam a sociedade humana. Encontrou como referencial a justiça como idéia reguladora das relações humanas e sociais. Nesse sentido construiu um paradigma ético pautado pela justiça, tendo como ponto de partida a autonomia, atividade e dignidade dos indivíduos humanos. O conteúdo central dessa ética são os direitos de cada sujeito na sua independência. A questão é se essa ética da justiça alcança responder cabalmente aos novos desafios que a própria modernidade deu origem.

Para muitos, o puro paradigma da justiça não consegue defrontar-se com os problemas da atual crise, porque está

pensado para situações puramente humanas e tem como idéias centrais os direitos individuais e o posicionamento ativo do sujeito. Hoje as questões éticas transcendem o âmbito humano, englobando a reprodução ecológica da vida, tendo como ponto de partida as necessidades dos entes vitais e a vulnerabilidade do seu sistema de relações. A degradação do ambiente natural e social fragiliza e ameaça o próprio ser humano. A única atitude responsável diante de seres vulneráveis e frágeis é o cuidado. Daí a necessidade de construir um novo paradigma ético a partir da categoria do cuidado que complete e corrija desvios e insuficiências do paradigma da justiça. As mulheres apontaram para essa necessidade e estão contribuindo para a emergência e a consolidação do paradigma do cuidado.

1. ORIGEM E REFERENCIAIS DO PARADIGMA DA JUSTIÇA

Esse paradigma foi surgindo na modernidade, como fruto da superação do regime da natureza, definida pela necessidade, pela introdução do regime da sociedade, regido pela liberdade. No mundo pré-moderno, o indivíduo era determinado pelas imposições da natureza. A ciência significou uma superação das necessidades da natureza. A liberdade criada possibilitou que a organização da sociedade fosse criação do ser humano, isto é, fruto de um contrato social, e não imposição de leis sociais tiradas da natureza. Assim passou-se do regime da natureza ou da necessidade ao regime da sociedade ou da liberdade.

O iluminismo moderno significou, segundo a intuição de Kant, tirar a hu-

manidade da menoridade e levá-la à maioridade. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. Atingir a maioridade é pensar por si mesmo, não se deixando conduzir por outro na sua ação. Em outras palavras, trata-se de ser livre e independente no juízo e na avaliação, isto é, agir movido pela autonomia e não pela heteronomia. Assim, a autonomia torna-se a categoria central da ética. Só existe moralidade onde existe autonomia, isto é, quando a ação se origina do interior da consciência. Ela é a condição para a moralidade.

O critério da moralidade é o conjunto dos indivíduos na sociedade. Por isso, Kant diz *"Age de tal maneira que o teu*

agir possa ser lei para todos". A referência, portanto, é a universalidade: o que vale para mim vale para todos. O conteúdo do agir moral aparece quando esses indivíduos são considerados como fazendo parte de um "reino de fins", isto é, participando de uma sociedade em que os indivíduos são considerados pessoas, não considerados apenas como meios, mas fins em si mesmos. Afirmar que a pessoa é fim em si mesma, equivale a dizer que ela tem dignidade. Portanto, o critério da ética é a universalidade (normas válidas para todos) e o conteúdo é a dignidade da pessoa (indivíduo considerado como fim em si mesmo).

Esses são em rápidos traços os pilares da ética moderna: a autonomia como condição, a universalidade como critério e a pessoa humana considerada fim em si mesmo como conteúdo. Assim, chegou-se a uma formulação consistente da dignidade da pessoa humana, quando Kant distingue entre as coisas que têm preço, pois são puros meios para atingir outro fim, e a pessoa que não pode ser reduzida a meio, porque é fim em si mesma e deve ser tratada como tal. O processo cultural, movido e inspirado por esse paradigma ético, desembocou na formulação dos direitos humanos e no respeito absoluto à dignidade humana.

No século XX, educadores procuraram definir as etapas de desenvolvimento e os critérios de maturidade moral segun-

do os parâmetros da ética moderna¹. O educador suíço Jean Piaget² pesquisou a origem e o desenvolvimento das estruturas cognitivas e do julgamento moral das crianças. Analisou as atitudes verbais delas em relação às regras do jogo, à distração, à mentira e ao roubo e explicitou muitos aspectos da noção de justiça das crianças. Identificou dois grandes estágios de desenvolvimento no período que vai dos seis aos doze anos. As crianças menores estão no estágio da heteronomia, isto é, as regras são leis externas, sagradas, porque impostas pelos adultos. Esse estágio diminui gradualmente em favor do estágio da autonomia, em que as regras são resultado de uma decisão liberal e digna de respeito, aceitas pelo mútuo consenso. Assim, Piaget, seguindo o paradigma moderno, define o desenvolvimento e a maturidade moral através da passagem da heteronomia à autonomia.

O pedagogo americano Lawrence Kohlberg³ ampliou as pesquisas de Piaget incluindo pessoas de diferentes idades, não apenas crianças (pesquisa longitudinal) e de diferentes culturas (pesquisa transversal) chegando à célebre "Teoria dos três níveis e seis estágios de desenvolvimento moral". O objetivo principal de seu trabalho era encontrar as características estruturais do raciocínio moral de um indivíduo em seu desenvolvimento, mostrando que tal desenvolvimento é universal para todos gênero hu-

1. R. DUSKA / M. WHELAN, *O desenvolvimento moral na idade evolutiva. Uma guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994. B. FREITAG, *Itinerários de Antígona. A questão da moralidade*. Campinas: Ed. Papyrus, 1997, pp. 163-229. J. R. JUNGES, "Educação para valores no contexto neoliberal" In: II CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO, *Pedagogia Inaciana rumo ao século XXI*, São Paulo: Ed. Loyola, 1998, pp. 227-252.
2. J. PIAGET, *Le jugement moral chez l'enfant*, Paris: PUF, 1973.
3. L. KOHLBERG, *Essays on Moral Development*. Vol. 1: "The Philosophy of Moral Development"; Vol. 2: "The Psychology of Moral Development"; New York: Harper and Row, 1981.

mano e evolui de maneira progressiva a formas superiores de maturidade moral.

Os resultados de seus estudos conseguiram determinar que a gênese do desenvolvimento moral passa por três níveis: *pré-convencional*, *convencional* e *pós-convencional*.

No nível *pré-convencional* (crianças até 10 anos, alguns adolescentes e adultos): O que é reto, justo ou certamente moralmente falando reduz-se às regras de quem tem poder, pode castigar ou premiar, produzir prazer. Quando não existem regras, o justo é o que satisfaz as necessidades e os interesses próprios. Não existe perspectiva social, porque as regras não respondem às expectativas da sociedade. O justo e bom é definido pelo ponto de vista do próprio indivíduo diante de outros indivíduos ou do indivíduo considerando as dimensões físicas. As razões para sustentar o que é reto são o interesse pessoal, evitar o castigo, submeter-se ao poder, evitar produzir dano físico a outros, intercambiar favores.

No nível *convencional* (a maioria dos adolescentes e muitos adultos): O correto ou justo significa conformar-se e seguir as regras, os papéis e as expectativas da sociedade ou de um grupo social, político ou religioso. Conformar-se é mais do que puramente obedecer, porque aponta para uma motivação interior que se identifica com as regras. Nesse nível existe perspectiva social, porque a pessoa está disposta a escolher posturas e expectativas que estão acima dos interesses pessoais. Já consegue colocar-se no lugar do outro. As razões para sustentar o que é correto são a aprovação e a opinião social, a lealdade para com as pessoas e grupos, o bem-estar dos demais e da sociedade. Os juízos do indivi-

duo são formulados com estrita referência às regras do grupo.

No nível *pós-convencional* (adultos depois dos 20 a 25 anos): O justo e o correto define-se segundo direitos humanos universais ou princípios de dignidade humana que a sociedade e o indivíduo deveriam sustentar. A lei é justa enquanto protege os direitos humanos e é dever violá-la, quando não os protege. Aqui a perspectiva ética supera o ponto de vista da sociedade. Trata-se de um indivíduo racional que define valores e princípios, não fundado nas expectativas da sociedade, mas na dignidade humana. As razões para sustentar o que é justo estão apoiadas na noção de que viver em sociedade implica o compromisso de respeitar e apoiar os direitos dos outros. Esse "contrato social" significa comprometer-se com certos princípios, percebidos por todos como radicalmente válidos.

Portanto, para Kohlberg como para Piaget, os níveis progressivos de desenvolvimento moral significam passar da formulação de *juízos puramente heterônomos*, baseados em regras de expectativa social a um *raciocínio ético autônomo*, fundado em princípios universalmente válidos. Nesse sentido, a preocupação de uma educação moral, em nível cognitivo, é dar oportunidade ao adolescente para que passe de uma *fase pré-convencional*, em que imperam os interesses pessoais, a uma *fase convencional* em que ele já se coloca na perspectiva social de superar necessidades individuais e responder a expectativas sociais, para, finalmente, alcançar a *fase pós-convencional* em que as razões para agir moralmente estão fundadas no respeito aos direitos humanos, formulados em princípios universais.

A teoria de Kohlberg assinala dois estádios para cada um dos três níveis⁴. Esses seis estádios seguem uma sequência invariável e progressiva que não se pode saltar. Representam modos sucessivos de assumir a perspectiva do outro (*role taking*) em situações sociais. O *role taking* vai evoluindo em cada estádio segundo a maneira como a pessoa vê o papel e o lugar dos outros na sociedade. Os estádios estabelecem a capacidade de assumir papéis; assumir o papel do outro é uma habilidade social.

Essa habilidade exige participação e interação com o grupo social. Assim, a vida social estimula o crescimento moral, quando o indivíduo aprende a assumir o lugar e a perspectiva do outro. Essa participação por meio do assumir o lugar do outro não basta. É importante a mutualidade que a participação vai suscitando, o que leva a um equilibrado princípio da justiça.

Justiça, para Kohlberg, é a *preocupação primária pelo valor e pela igualdade de todas as pessoas e pela reciprocidade*

nas relações humanas. Identifica-se com o respeito à dignidade de todo ser humano. Por isso, o princípio da justiça é um critério universal e básico de desenvolvimento do juízo moral. O processo de desenvolvimento moral em cada estádio implica uma diferenciação e integração maior desse princípio. Assim, o conceito universal de moralidade está fundado nesse conceito de justiça.

Portanto, o desenvolvimento moral, para Kohlberg, depende nos três níveis do grau de autonomia no raciocínio ético e nos seis estádios da capacidade de colocar-se no lugar do outro (*role taking*) ou, em outras palavras, do grau de justiça. A autonomia representa a condição e a justiça, o conteúdo formal da moralidade madura.

Para descobrir o nível e o estádio de desenvolvimento moral de um indivíduo, Kohlberg criou dilemas éticos, pequenas histórias de casos morais⁵, os quais é necessário avaliar e emitir um juízo. Trata-se de chegar a uma decisão e principalmente justificá-la, porque é nas justifi-

4. No *Nível pré-convencional* temos – Estádio 1: “A orientação de castigo e de obediência”; Estádio 2: “A orientação instrumental e relativista”; No *Nível convencional* – Estádio 3: “A concordância interpessoal ou a orientação a ser ‘bom menino’ ou ‘boa menina’”; Estádio 4: “A orientação da lei e da ordem”; No *Nível pós-convencional* – Estádio 5: “A orientação legalística do contrato social”; Estádio 6: “A orientação por princípios universais e éticos”. Para maiores detalhes ver J. R. JUNGES, op. cit, pp. 243-244.
5. O dilema mais conhecido é o de Heinz: “Na Europa, uma senhora estava para morrer por causa de um tipo especial de câncer. Segundo os médicos, havia um remédio que poderia salvá-la, uma forma de radium descoberto recentemente por um farmacêutico da cidade. O remédio tinha um custo muito alto na preparação, e, além disso, o farmacêutico cobrava dez vezes pelo custo real. Para prepará-lo o farmacêutico gastava 200 dólares, mas vendia por 2.000. Heinz, o marido da senhora doente, pediu dinheiro emprestado a todos os amigos, mas só conseguiu 1.000 dólares, a metade do preço do remédio. Foi ao farmacêutico e explicou a situação e pediu que ou vendesse o remédio mais barato ou recebesse o restante mais tarde. Mas o farmacêutico disse: “Não, eu descobri este remédio e quero ganhar dinheiro”. Heinz, furioso, assalta durante a noite a farmácia e rouba o remédio para dá-lo a sua mulher. Deveria Heinz ter feito isto? Por que?” Mais importante do que dizer sim ou não, é dar as razões por que deveria agir de uma ou de outra maneira.

cações que o indivíduo revela sua etapa moral. O desenvolvimento moral é assim definido pelo tipo de juízo que se emite e, portanto, está baseado em critérios cognitivos. Alguém pode emitir cognitivamente um juízo segundo o nível pós-convencional e o estágio seis, mas concretamente não seguir esse juízo na prática do seu agir. A teoria de Kohlberg está baseada na pura avaliação cognitiva de jul-

gamentos morais e nisso está a sua debilidade como sistema de educação para valores morais. Não se preocupa com a interiorização de atitudes éticas ou virtudes morais. Afirma que elas não podem ser avaliadas, porque são interiores e subjetivas, enquanto que os juízos são externos e objetivos. Esse é o problema de toda moral moderna que permanece na pura formalidade e exterioridade do ato.

2. SURGIMENTO E CARACTERÍSTICAS DO PARADIGMA DO CUIDADO

Carol Gilligan, antiga colaboradora, rompeu em certo momento com Kohlberg, porque constatou que as avaliações dos dilemas morais para definir a etapa de desenvolvimento moral estavam fundadas em critérios masculinos, já que as mulheres tinham dificuldade em chegar a juízos correspondentes ao nível pós-convencional. O problema não estava nas mulheres, mas na metodologia usada. Por isso criou uma equipe própria e desenvolveu pesquisas que culminaram na publicação do livro *Uma voz diferente*⁶. Ela mostrou que as mulheres elaboram e avaliam conflitos morais de modo diferente que os homens. Esses procuram analisar os componentes do dilema, separando-os em indivíduos isolados e tentando definir o direito de cada um na perspectiva da justiça. Aquelas tentam ver o conjunto das relações implicadas no caso, detec-

tando as conexões e procurando cuidar das inter-relações com uma maior sensibilidade para os seus elos fracos.

Gilligan constatou que apresentando os dilemas morais de Kohlberg a um menino e a uma menina chega-se a avaliações diferentes. Ambos reconhecem a necessidade do acordo para a solução de um problema, mas mediados por modos variados, ele, impessoalmente, através de sistemas de lógica e de lei, ela, pessoalmente, através da comunicação e do relacionamento. Assim como o menino confia nas convenções da lógica imparcial para deduzir a solução do dilema, presumindo que essas convenções são consensuais, a menina confia num processo de comunicação inter-relacional, presumindo conexão entre os implicados e acreditando que sua voz vai ser ouvida. Para Kohlberg, a confiança da

6. C. GILLIGAN, *Uma voz diferente*. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. (Tradução do inglês de Nathanael C. Caixeiro) Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1982. Sobre a metodologia e a discussão entre Gilligan e Kohlberg pode-se ver: C. S. W. CRYSDALE, "Gilligan's Epistemological Challenge: Implications for Method in Ethics", *The Irish theological Quarterly* 56 (1990) 31-48; L. A. BLUM, "Gilligan and Kohlberg: Implications for Moral Theory", *Ethics* 98 (1988) 472-491; O. FLANAGAN / K. JACKSON, "Justice, Care and Gender: The Kohlberg-Gilligan Debate Revisited" *Ethics* 97 (1987) 622-637.

menina nos relacionamentos parece revelar uma permanente dependência e vulnerabilidade. Ela parece à primeira vista ingênua e cognitivamente imatura por crer na comunicação e no entrelaçamento como modo de resolver um dilema. Gilligan procura justamente desfazer esse engano e apontar para a falácia da avaliação de Kohlberg.

Gilligan mostra que a mulher se desenvolve eticamente a partir de situações que envolvem relacionamentos e não em relação a uma definição de direitos como o homem. Ela se posiciona moralmente a partir de uma rede de conexões. Existe uma preocupação e um cuidado em preservar relacionamentos. Para isso, Gilligan pesquisa como mulheres justificaram, elaboraram interiormente e cresceram eticamente em decisões sofridas sobre o aborto. Desse modo ela reformula os níveis de desenvolvimento moral de Kohlberg, chegando às seguintes etapas de crescimento moral da mulher:

- 1) *Orientação para a sobrevivência individual*: a decisão está centrada no “eu” para assegurar a sobrevivência. A mulher toma atitudes, por um lado, auto-centradas, mas, por outro, negadoras de si, como única tábua de salvação, porque encontra-se num beco sem saída que a ameaça. A decisão é uma tentativa de sobreviver.
- 2) *Bondade como auto-sacrifício*: existe um desequilíbrio entre o auto-sacrifício e o cuidado dos outros na decisão. A mulher anula-se para cuidar de outros. Trata-se de um desvelo.
- 3) *Responsabilidade pelas conseqüências da escolha*: a decisão procura equilibrar

o cuidado de si e o cuidado dos outros. A mulher consegue harmonizar a auto-estima e o interesse e responsabilidade pelos outros, ponderar a solicitude por si e pelos outros. Só pode cuidar de outros quem cuida também de si mesmo.

A primeira corresponderia ao nível pré-convencional; a segunda, ao convencional; a terceira, ao pós-convencional. A maturidade moral da mulher não se define, como no homem, pela imparcialidade e referência a princípios universais de igualdade e equidade, mas pela atitude de responsabilidade e cuidado, situada num contexto de relações e com sensibilidade pelo particular.

Para mostrar a diferença do enfoque ético masculino e feminino, Gilligan apresenta a compreensão de moralidade de um homem e de uma mulher maduros⁷. Ned, um universitário veterano, afirma:

“A moralidade é uma prescrição, uma coisa a obedecer. A idéia de ter um conceito de moralidade é tentar imaginar o que as pessoas podem fazer para tornar a vida uns dos outros vivível, uma espécie de equilíbrio, uma harmonia em que todos sintam que têm um lugar e uma participação igual nas coisas. Fazer isso é um modo de contribuir para um estado de coisas que vai além do indivíduo, na falta do que o indivíduo não tem chance alguma de auto-realização de qualquer espécie. Equidade, moralidade é algo essencial para criar o tipo de ambiente, interação entre pessoas, que é o requisito para a realização da maioria das metas individuais. Se você quer que ninguém interfira na busca daquilo que você quer, você tem que seguir as regras do jogo”.

7. C. GILLIGAN, *op. cit.*, p. 109.

Em contraste, Diane, uma mulher perto dos trinta anos, define a moralidade não de direitos, mas de responsabilidade, quando explica o que torna moral uma questão:

"Assim como percorrer um caminho certo no qual viver, tendo sempre em mente que o mundo está cheio de problemas reais e reconhecíveis, e levando a uma espécie de rumo, e é certo trazer filhos a este mundo quando atualmente temos problema de superpopulação, e será certo gastar dinheiro com um par de sapatos quando já tenho um par e outras pessoa estão descalças? É parte de uma autocrítica dizer 'Como estou gastando o meu tempo e para que estou trabalhando?' eu acho que tenho um impulso real, um real impulso maternal, cuidar de alguém – cuidar de minha mãe, cuidar de meus filhos, cuidar dos filhos de outros, cuidar de meus próprios filhos, cuidar do mundo. Quando eu lido com questões morais é como dizer para mim mesma constantemente 'Você está cuidando de todas as coisas que você acha importantes, e de que modo você está se desperdiçando e desperdiçando aquelas questões?'"

Ambos superam o âmbito puramente convencional e chegam ao nível pós-convencional por caminhos diversos. A maturidade moral de Ned define-se pela descoberta e respeito dos direitos individuais de cada um. Daí a importância da equidade e moralidade para propiciar um ambiente de interações harmônicas que possibilitem a realização das metas de cada um. Diane, ao contrário, deixa-se mover por razões de responsabilidade e cuidado.

Ned preocupa-se com o indivíduo, enquanto que Diane com as relações.

Os homens assumem o enfoque da justiça na solução dos problemas morais, as mulheres tendem mais a adotar o ponto de vista do cuidado na avaliação de dilemas éticos. O problema moral para as mulheres é um questão de cuidado e responsabilidade nos relacionamentos em vez de uma pergunta sobre direitos e normas. A lógica subjacente ao cuidado é a lógica psicológica dos relacionamentos em contraste com a lógica formal da equanimidade do enfoque da justiça. Assim pode-se falar de uma ética da justiça e de uma ética do cuidado.

Pode-se distinguir esses dois paradigmas éticos com as seguintes características⁸.

O que Gilligan articula com a discussão entre a ética da justiça e a ética do cuidado são duas orientações que devem se complementar e não duas teorias que se opõem. O cuidado não pretende substituir a justiça. A perspectiva da justiça apela para princípios imparciais e enfatiza a importância de uma deliberação desapassionada. Tende a ver as questões éticas em termos de direitos de equidade e não interferência. A orientação para o cuidado resiste a fundamentações teóricas, imparciais e a princípios abstratos, mas é receptiva a detalhes de contexto, valoriza o engajamento emocional do raciocínio. Vê a questão ética em termos de responsabilidade que responde a necessidades, quer manter conexões, olha mais para o particular e situado. O homem mais inclinado para o esquema da justiça precisa educar-se para a perspec-

8. R. TONG, "The Ethics of Care: A Feminist Virtue Ethics of Care for Healthcare Practitioners" *Journal of Medicine and Philosophy* 23 (1998) pp. 131-132.

ÉTICA DA JUSTIÇA

- Assume a perspectiva abstrata e imparcial;
- Aponta para o universal;
- Parte da individualidade e separabilidade humana;
- Enfatiza direitos individuais;
- Refere-se mais ao âmbito público;
- Insiste no papel da razão e da argumentação lógica;
- Quer chegar a ações retas a partir de julgamentos corretos;
- Ética de princípios ou de normas;
- Mais masculina e viril.

ÉTICA DO CUIDADO

- Enfoca a perspectiva contextualizada e engajada;
- Assinala para o particular;
- Focaliza o entrelaçamento e a ligação humana;
- Privilegia relações comunais;
- Diz mais respeito ao âmbito privado;
- Repisa a importância da afetividade e das emoções;
- Quer formar um bom caráter a partir de disposições interiores;
- Ética da virtude ou de atitudes;
- Mais feminina e feminista.

tiva do cuidado. Ao passo que a mulher mais tendente ao cuidado necessita des-
pertar para o enfoque da justiça. Assim os pontos de vista se complementam e corrigem mutuamente.

Portanto, o cuidado não é uma teoria, isto é, um conjunto de proposições e argumentações, mas uma orientação ética que enfatiza mais preocupações e discernimento, hábitos e tendências de interpretação, seletividade de habilidades e destrezas. Por isso, a ética do cuidado concentra-se mais na atitude ou caráter da pessoa do que no seu comportamento ou ato correto, insere-se mais

no paradigma da virtude do que da norma. Para ela importa mais ter boa disposição interna do que ações retas. Cuidado não é primeiramente uma característica da ação, mas um traço do caráter da pessoa que se interessa pelo ser em sua particularidade e fragilidade, situado numa teia de relações. É a tendência da mulher diante de dilemas éticos. Ao contrário, a justiça, na visão moderna, preocupa-se mais por ações justas e equânimes que respeitem a igualdade e a imparcialidade jurídica nos direitos. É o ponto de vista do homem na solução de problemas morais.

3. PRESSUPOSTOS ANTROPOLÓGICOS DO PARADIGMA DO CUIDADO

Os dois paradigmas correspondem a diferentes enfoques antropológicos. O paradigma moderno parte de uma visão do ser humano como potência e independência, vencedor dos determinismos da natureza e emergindo como indivíduo independente frente às imposições da

sociedade. Em outras palavras, o projeto da modernidade aponta para um ser humano forte e autônomo. Ele inspirou os grandes feitos e as gigantescas conquistas dos tempos modernos. Semeou vitórias, possibilitou riquezas, criou bem-estar, mas também deixou atrás de si um

rasto de destruição e morte. A causa está por tratar-se de um processo de exclusão, já que se funda na força e na independência. Quem não as detém, é discriminado. O fraco e o dependente não contam. Nesse sentido, é um projeto machista, centrado no homem, que privilegia no ser humano características tidas como masculinas.

Essa visão antropológica está profundamente em crise com o advento da pós-modernidade. A potência e a independência humanas são denunciadas como causas da destruição ambiental e da violência social, passando pelo crivo da crítica cultural. A crise econômica, a catástrofe ecológica, as ameaças biotecnológicas⁹, as mudanças no mundo do trabalho¹⁰, a insatisfação com a imposição de performances sexuais¹¹ e finalmente o desemprego psicológico e a identidade fragmentada do próprio homem¹², colocaram irremediavelmente em cheque a visão dominadora do macho vencedor.

O paradigma está em crise, sendo necessário repensar os pressupostos antropológicos. A perspectiva do cuidado, introduzida e desenvolvida pela reflexão feminina de gênero, aponta para outra visão. Ela poderia ser denominada de paradigma ecológico, isto é, um sistema que pensa as realidades a partir de interconexões. Parte da vulnerabilidade, fragilidade do ser humano e da sua situação inter-relacional, interdependente. Assumo o próprio ambiente natural como frá-

gil e formado de um ecossistema de relações. Constata que a vida que pulsa em todos os seres vivos é vulnerável e dependente de vários elementos interconexos. Assim chega-se a três categorias antropológicas profundamente referidas uma à outra: **cuidado, vulnerabilidade e interdependência**. Algo necessita de cuidado, porque é vulnerável. Padece de vulnerabilidade, porque depende de um sistema de inter-relações. Vulnerabilidade e inter-dependência constituem os pressupostos antropológicos do paradigma ético do cuidado.

Viver humanamente significa viver em vulnerabilidade. O ser humano não só é vulnerável, mas pode tornar-se consciente dessa vulnerabilidade. Pode refletir sobre ela e torná-la princípio de auto-compreensão. Por ser pluridimensional e inter-relacional, o ser humano não se basta a si mesmo. Necessita de relações com o seu meio, com os seus semelhantes e com algo simbólico que transcende a sua realidade, dando sentido à sua existência, para constituir-se como sujeito a partir de suas estruturas básicas dadas de corpo, psique e espírito. Ele nasce como um ser totalmente inacabado que necessita apropriar-se e integrar suas diferentes dimensões – somática, psíquica e espiritual – numa unidade pessoal a construir, abrindo-se às relações com o mundo, com o outro e com o absoluto.

A unidade estrutural e relacional do ser humano está constantemente amea-

9. J. RIFKIN, *O século da biotecnologia*. São Paulo: Makron Books, 1999.

10. R. SENNET, *A corrosão do caráter*. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

11. J. CL. GUILLEBAUD, *A tirania do prazer*, São Paulo: Bertrand do Brasil, 1999.

12. M. DORAIS, *O homem desamparado*. Crises masculinas: compreendê-las para enfrentá-las, São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

çada por elementos próprios e alheios. Ele pode sofrer uma desestruturação somática, psíquica e espiritual, ser ameaçado pelo modo de inserir-se no seu meio ambiente, de entrar em relação com os outros, com o grupo social e de construir o seu universo simbólico. Assim o ser humano não só é vulnerável no aspecto somático através de doenças e pestes, para as quais hoje existe muitas vezes solução, mas, na atualidade, a fragilidade manifesta-se primordialmente em sua dimensão psíquica, social e espiritual. Uma sociedade em crise, violenta e de exclusão cria muitas ansiedades que se mostram como desajustes psíquicos. Uma cultura nihilista e narcisista não oferece conteúdos simbólicos enucleadores de sentido e de transcendência, ocasionando um vazio interior que estiola a dimensão espiritual.

O ser humano experimenta a vulnerabilidade em diferentes momentos da sua vida. A enfermidade é a metáfora existencial mais imediata da vulnerabilidade humana. Ela significa uma mudança na integridade da pessoa e não apenas algo que afeta a estrutura somática. Por isso tem um significado antropológico e não pode ser reduzida a um puro fato médico. Na doença existe uma alteração da estrutura pluridimensional e pluri-relacional da pessoa que pode ser passageira ou permanente. No plano somático, a doença altera a percepção do próprio corpo e da realidade circundante. Atinge mais fundamentalmente a interioridade, porque põe em cheque as expectativas e as emoções, faz reconsiderar as lembranças e os valores. Nesse sentido, engloba a dimensão espiritual, porque toca a questão do sentido. O enfermo pergunta por que estou doente? Qual é o sentido dessa enfermidade para minha vida?

A doença altera também o mundo afetivo das representações e das relações. O mundo, como universo de significados, através do qual o ser humano sente-se situado e sabe representar a realidade, encontra-se desestruturado. Os elementos corriqueiros da vida diária aparecem modificados e desfocados. O enfermo sente o desafio de resituar-se em seu mundo de representações. O universo das relações também sofre uma desconfiguração. As inter-relações do doente sofrem uma alteração. Ele nota que os outros o percebem de modo diverso e assim atuam com ele. Percebe que o seu comportamento em relação a eles está modificado.

Enfermidade e vulnerabilidade estão intimamente relacionados. O ser humano enferma-se, porque é vulnerável. A doença é a possibilidade da vulnerabilidade. A saúde e a doença incidem decisivamente na estrutura essencial do ser humano. Doença é o lado obscuro da vida humana que não se pode eludir e subestimar, para o qual é necessário encontrar um sentido. Ela é a expressão concreta espacial e temporal da vulnerabilidade ontológica; é percebida num lugar determinado do corpo e inicia num momento determinado da vida. A enfermidade impossibilita desenvolver o ritmo habitual da cotidianidade, devido a uma patologia somática que tem repercussões psíquicas e sociais e faz tomar consciência da vulnerabilidade.

Se a enfermidade é a metáfora existencial, o sofrimento é a epifania amarga da vulnerabilidade. O sofrimento mais do que a enfermidade é o rosto concreto e vulnerável do ser humano. No sofrimento existe a ausência de qualquer refúgio. É sentir-se encurralado e sem saída. É a ausência de morada e de lar.

A dor é a desnudez e o despojamento existencial. Na intempérie do sofrimento, o ser humano está exposto ao arbítrio das circunstâncias alheias, não é dono de si, tudo pode danificá-lo. Não é possível distanciar-se, porque encontra-se arraigado no sofrimento.

Ninguém é incólume ao sofrimento. Não existe seguro contra a dor e o sofrimento. A vida não é um conto de fadas com "happy end" como prega a mídia. O ser humano teme o sofrimento, mas ele faz parte da condição humana vulnerável. Não se identifica simplesmente com a enfermidade, porque existem doenças sem dor e sofrimentos sem manifestações somáticas. A enfermidade é um episódio biográfico e sofrimento é uma condição existencial. A doença é algo puntual e definido, mas o sofrimento é um vivência que se dilata no tempo e no espaço. No primeiro caso trata-se de uma descontinuidade, no segundo de uma continuidade.

No conjunto da vida, o sofrimento joga um papel fundamental. Segundo Viktor Frankl, o sofrimento é o teste por excelência da densidade da vida de alguém. Quem nunca sofreu, não aprendeu a viver. O sofrimento confere consistência à vida, porque exerce um papel de catarse e de interpelação. A seriedade e profundidade de uma vida reluz na experiência do sofrimento, porque exige a construção de uma interioridade que faz frente ao mistério da dor, resignificando o dinamismo de morte presente no sofrimento em ocasião de vida e solidariedade. Para fé cristã existe ressurreição na morte, ou melhor, vida através da morte.

Se a enfermidade é metáfora existencial da vulnerabilidade; o sofrimento, a sua epifania amarga; a morte manifesta-se como o seu mistério insondável. A

morte é a experiência limite, porque separa o conhecido do desconhecido e misterioso. Significa a separação radical entre duas dimensões, porque clausura o estatuto da existência terrena e abre a um novo estado que é desconhecido. Trata-se de uma ruptura do decurso vital, não um fato a mais da vida, mas um evento abissal que atinge a integridade do ser humano em todas dimensões.

A experiência da vulnerabilidade na morte revela-se como falta de expressividade, porque o sujeito é considerado como morto, quando falta expressão e comunicação. Isso expressa-se no rosto do morto que é coberto. O morto não tem rosto, apenas máscara, é o sem resposta. Morrer significa um processo de perda de expressividade, tomada manifesta no corpo opaco e inexpressivo. Quem reduz a existência a exterioridade somática, a morte revela-se como o total não sentido, a irremediável decomposição seguida de desaparecimento. Desaparece a expressão do sujeito identificada com o corpo físico.

A fragilidade humana diante da morte se dá a conhecer principalmente na inexorabilidade e incerteza da morte. Ela irrompe de modo irreversível e inexorável. Todos morrem mais dia ou menos dia. Não existe modo de escapar. É o destino fatal de todo ser humano. A percepção dessa inexorabilidade provoca angústia e a tentativa de distrair-se com banalidades que façam esquecer o destino final. Se ao menos fosse possível calcular esse momento iniludível. A morte escapa totalmente ao cálculo. Existe incerteza espacial e temporal, porque não se sabe onde, nem quando e muito menos como se vai morrer. Já diziam os antigos: "Morte certa, hora incerta". A dramaticidade da morte está ligada a essa incerteza. Ela está constantemente

presente na vida humana. A morte é uma presença de modo ausente, isto é, está presente como ameaça, como possibilidade, como advertência. Daí a necessidade e a urgência de uma pedagogia da morte. As culturas humanas sempre detiveram uma simbólica para a morte que educava para esse evento final e ajudava a encontrar o sentido dessa passagem abissal. A cultura moderna e pós-moderna está desprovida dessa simbólica, porque tenta obviar e negar esse momento.

O ser humano é mais vulnerável que outros seres vivos, embora seja mais hábil em proteger-se. Nada é mais frágil, dependente e necessitado de cuidado do que um bebê humano. O recém-nascido humano é a máxima expressão da vulnerabilidade. Qualquer filhote de animal, depois de alguns dias já ostenta certa independência, apesar de ainda depender de sua mãe para nutrir-se e defender-se. Os seres vivos em geral adquirem a idade adulta com muito mais antecedência do que os humanos. Isso se deve à essencial não adaptação ao meio e não acabamento das estruturas por parte dos humanos, necessitando de um longo período para que ele se sinta situado em sua realidade e integrado em seus elementos. O animal já nasce adaptado ao meio e com todas as suas estruturas organizadas e finalizadas numa unidade funcional, faltando apenas o desenvolvimento. No ser humano, as estruturas estão dadas, mas não integradas numa unidade pessoal. Não basta apenas crescer biologicamente, é necessário tornar-se sujeito das suas estruturas pela sua configuração numa unidade de consciência. Isso necessita tempo e o itinerário é cheio de percalços que tornam o ser humano mais vulnerável.

Não estando adaptado naturalmente ao seu meio e tendo que integrar as suas

diferentes dimensões numa unidade pessoal, o ser humano criou estratégias para sobreviver e fazer frente à sua fragilidade através da cultura. Os humanos são uma espécie exitosa e não foram extintos como seria de esperar, porque são seres culturais. A cultura torna-se neles como que uma segunda natureza. A cultura é a resposta à vulnerabilidade da unidade somático-psíquico-espiritual do ser humano, tendo presente o seu meio ambiente, o seu grupo social e o seu universo simbólico de transcendência. Nesse sentido, a cultura tem a pluridimensionalidade característica do próprio ser humano. Ela compreende tanto a resposta técnica de adaptação ao meio, quanto a organização política da convivência social e a simbólica que dá sentido à existência e configura a abertura à transcendência.

Em toda história humana e em todos os grupos sociais, a cultura sempre se caracterizou por essas três dimensões – instrumentalidade técnica, organização social e simbólica religiosa. A técnica compreendia apenas os instrumentos, a política visava a convivência social e a religião configurava o universo do sentido. Hoje a cultura está reduzida à tecnociência instrumental que determina tanto as relações sociais, quanto o sentido da existência. Transformar a técnica numa simbólica que organiza o universo dos valores é a negação da especificidade humana da cultura como resposta à vulnerabilidade. Cria a ilusão de que a fragilidade é vencida pela tecnologia, esquecendo que as exigências da interioridade psíquica e espiritual não se resolvem com próteses instrumentais e técnicas substitutivas. O sentido da vida oferece-se na mediação simbólica e não na imediatez utilitária. É necessário revitalizar o universo sim-

bólico, oferecendo um sentido à existência que transcende a imediatez do presente e a utilidade da técnica.

Vivemos uma crise cultural, porque a tecno-ciência pretende apresentar-se como simbólica de sentido, criando a falsa idéia de onipotência e vitória sobre a fragilidade e tentando negar a vulnerabilidade através da racionalidade instrumental técnica, quando é justamente a vulnerabilidade que desencadeia a pergunta pelo sentido a ser configurado numa racionalidade simbólica de transcendência. A cultura humana sempre se definiu pela sua dimensão simbólica e não pela sua instrumentalidade técnica. Hoje inverteu-se essa dinâmica, porque as pessoas pensam encontrar o sentido de suas vidas nas inovações tecnológicas. Essa inversão leva ao esquecimento da vulnerabilidade, impossibilitando tanto a construção de uma interioridade de sentido para essa vulnerabilidade à nível do Espírito, isto é, não na imediatez instrumental, quanto a busca de uma intersubjetividade dinamizadora de atividades de cuidado e presença solidárias, contrárias à isolamento e independência criadas pela técnica.

As inovações tecnológicas possibilitam que a pessoa dependa sempre menos dos outros, isolando-se e tomando-se independente. Nesse sentido, desenvolve dinâmicas psicológicas narcisistas e autistas que fecham a pessoa sobre si mesmo, evitando relações e conexões que possam criar inter-dependências. Antes necessitava-se dos outros para satisfazer a maioria das necessidades básicas. Hoje a tecno-ciência, aliada ao capital, oferece recursos, pelos quais cada indivíduo parti-

cular, com poder de compra, basta-se a si mesmo em suas carências materiais. Isso desenvolve comportamentos de independência e consciência de autonomia que dispensa a ajuda dos outros. As pessoas não gostam de depender dos outros e orgulham-se de resolver tudo sozinho. Almejam isolamento e independência. A inter-dependência é sentida como debilidade e fracasso. A cultura técnica aliada ao poder do dinheiro possibilita e desenvolve essa mentalidade.

Quem não aceita a vulnerabilidade e a inter-dependência não desenvolve atitudes de cuidado. Quem não aceita ser cuidado, também não está disposto a cuidar de outros. Não admitir receber cuidado significa proclamar-se forte e independente, dispensando a ajuda dos outros. Esse não está em condições de cuidar de outros, porque sua ajuda será uma declaração de potência que inferioriza quem é ajudado.

A vulnerabilidade é a condição de possibilidade do cuidado. A fragilidade ontológica do ser humano é a base e o limite de todo cuidado. Se o ser humano fosse totalmente autônomo e autárquico, não necessitaria de cuidado. Como ele é quebradiço e vulnerável, precisa de cuidado. Essa é a base do cuidado, mas é igualmente o seu limite, porque quem cuida também é vulnerável e, portanto, sua própria ação de cuidar é limitada. Por isso é preciso recuperar a fragilidade como princípio de compreensão do ser humano, construir uma antropologia da vulnerabilidade como pressuposto filosófico e condição indispensável para o surgimento e a consolidação de um paradigma do cuidado para a ética¹³.

13. Quem tenta realizar essa tarefa é: F. TORRALBA I ROSELLÓ, *Antropología del cuidar*. Barcelona: Instituto Borja de Bioética e Fundación MAPFRE Medicina, 1998.

4. IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO PARADIGMA DO CUIDADO.

A vulnerabilidade e a interdependência não só são pressupostos antropológicos do paradigma do cuidado, mas a perspectiva do cuidado oferece também o horizonte adequado para que eles sejam assumidos com sentido e enriqueçam o sujeito humano. Do contrário, o sentir-se vulnerável e interdependente pode tornar-se motivo de manipulação e exclusão. Num mundo regido pela potência e pela independência como é o mundo moderno, a justiça foi o meio encontrado para regular as relações para que elas não sejam opressivas e discriminantes. Mas ela contempla sujeitos fortes e independentes com consciência autônoma para exigirem os seus direitos. Esse não é o caso da maioria dos seres vivos incluídos os humanos. A vida é essencialmente uma realidade vulnerável e interdependente, necessitada de cuidado. O equilíbrio vital dos ecossistemas e os próprios entes vivos que os compõem são interconexos e frágeis. Por isso, o modo de intervir nos sistemas vitais e de tratar os vivos deve ser regido pelo cuidado e não tanto pela justiça que rege as relações humanas. Isso só acontecerá, quando o próprio ser humano se der conta de que é um ser vulnerável e interdependente, precisando de cuidado. No intercâmbio com os seres vivos em seus sistemas ecológicos e especificamente com os humanos em seu ambiente sócio-cultural, ele pode aprender o significado e a arte de cuidar, levantando princípios éticos aplicáveis à prática do cuidado.

O processo do cuidar é fundamentalmente um diálogo, não de idéias, mas de vidas, onde a paixão e não tanto a razão é o elemento central. Trata-se dum diálogo vital que deve enriquecer ambos inter-

locutores. No processo de cuidar seres vulneráveis, o diálogo é essencial porque é o lugar em que se concretiza a interação pessoal, em que o encontro adquire um rosto concreto. Nesse diálogo, a capacidade argumentadora lógica é secundária, os elementos não verbais, os gestos têm um importância transcendental. Assim o processo do cuidar é um diálogo de presenças, o encontro de dois seres que se dispõem a falar, a olhar-se, a aceitar-se e enriquecer-se mutuamente. O cuidar integra a constelação de elementos em que a palavra tem seu lugar específico, mas não um peso determinante como o gesto.

Existe diálogo de presenças, quando os interlocutores comunicam a interioridade de cada um. Essa interiorização é possível pelo clima de confiança e sinceridade que se cria. Ela é importante, porque se trata de afrontar a vulnerabilidade. O desenvolvimento do diálogo adquire configuração própria, quando um dos pólos padece uma experiência dolorosa. Na situação de fragilidade e desamparo, o sujeito sente com especial intensidade a necessidade do diálogo, de expressar o que sente e vive em sua interioridade. O processo do cuidar, como diálogo de presenças, é delimitado e determinado em seu desenvolvimento pela vulnerabilidade. Cuidar de alguém é ajudá-lo a expressar sua vulnerabilidade; é dar-lhe instrumentos de análise para interpretar sua situação e encontrar paz.

Nesse sentido, cuidar de alguém é ajudá-lo na sua edificação. Experiências dolorosas e frustadoras desestruturam o sujeito. Ele sofre um processo de desconstrução e erosão na integração das diferentes dimensões e relações, sendo necessário re-

colher os fragmentos existenciais para reedificar a interioridade. Para isso, é preciso reconstruir os fundamentos. Cuidar é oferecer os recursos para essa reconstrução. Se edificar é levantar uma construção desde a base, então é necessário conhecer o terreno e a resistência, por outro lado fortificar os fundamentos e usar um bom andaime. Edificar uma pessoa afetada pela fragilidade é ajudar a recompor o seu interior e a reconstruir a sua identidade pessoal a partir de fundamentos mais consistentes e de andaimes psicológicos posteriormente dispensáveis.

Se a prática do cuidado é um diálogo de presenças e uma ajuda na edificação de seres vulneráveis, deve seguir e respeitar certos princípios éticos:

- a) Ter sempre presente a visão integral do ser humano em suas diferentes dimensões e relações como horizonte de compreensão que fornece as “pedras angulares” para a edificação e, por outro, estar atento às circunstâncias pessoais de cada um que são o solo sobre o qual se vai construir a identidade pessoal.
- b) O cuidado deve levar em consideração a idiossincrasia particular de cada um se quiser ajudar a enfrentar a experiência da fragilidade, mas, ao mesmo tempo, estar atento à inserção comunitária do sujeito a ser cuidado. É necessário ajudá-lo tanto a singularizar sua dificuldade, quanto a superar a tendência ao encapsulamento pela abertura às inter-relações. A prática é tanto um processo de singularização, quanto uma reconfiguração comunitária e social do sujeito vulnerável.
- c) Cuidar é uma ação esperançosa que abre perspectivas de futuro para quem está sem horizonte. Desperta a atitude

de de esperança, porque faz olhar para frente e a pensar em novas possibilidades. Anima, suscitando expectativas. Mas, por outro lado, precisa ajudar também a olhar para o passado, interpretar experiências dolorosas, voltar às suas fontes e retomar a sua tradição. O cuidado deve ter um olhar esperançoso para frente e um olhar interpretador para trás.

- d) O cuidado é antes de mais nada um ato de beneficência. Cuidar é querer bem e proporcionar bem, afastando toda ameaça de males e fazendo acontecer todo bem-estar possível ao outro. Esse bem deve ser entendido em sentido integral, englobando os aspectos somático, psíquico e espiritual. Para que a beneficência não seja uma imposição e limitação da iniciativa, ela deve ser temperada com a autonomia de quem recebe a ajuda. A prática do cuidado, mesmo tendo a intenção de ajudar e produzir bem, não deve ser uma ação paternalista. A aceitação do cuidado deve ser fruto de uma decisão livre. Assim cuidar de alguém é também cuidar da sua liberdade, ajudando a recobrar a autonomia e independência possíveis. Reconstruir a autonomia é auxiliar a recuperar o centro pessoal, a responsabilidade e o poder de decisão.
- e) A prática do cuidado exige tanto responsabilizar-se por quem é cuidado, quanto torná-lo responsável pela sua situação. “Responsabilidade é o cuidado de outro ser, reconhecido como dever, cuidado que, dada a ameaça da vulnerabilidade, converte-se em preocupação” (Hans Jonas). Responsabilizar-se é caminhar com o outro, partilhando as suas preocupações, expec-

- tativas, angústias e medos. Cuidar é ajudar a levar a carga da vida de alguém, aliviando o seu peso. Mas não se trata de ficar no lugar, assumindo o problema, distraindo a atenção do que preocupa e enganando com substitutivos que alienam. Ao contrário, cuidar é ajudar a tornar-se responsável por sua situação, enfrentando e não eludindo o problema.
- f) O cuidado é interpessoal, mas assimétrico em seus pólos de relação, porque um exerce a ação de cuidar e o outro alcança o resultado do cuidado. O primeiro tem algo a dar e o segundo a receber. Esse é o dado que se manifesta na prática do cuidado. Contudo, quem cuida deve sempre tender e almejar situações de simetria com aquele que é cuidado. A assimetria é fenomenológica, como situação dada, mas a simetria é ética, como algo a construir. A assimetria é definida pela vulnerabilidade atual que sente quem é ajudado e a possibilidade de simetria é dada pela consciência da vulnerabilidade potencial de quem cuida.
- g) Parece à primeira vista de que quem cuida é ativo e quem é cuidado é passivo. No cuidado precisa existir uma dialética entre atividade e passividade. Em certos momentos, quem cuida deve ser passivo e deixar quem é cuidado ser ativo. Em outros, ao contrário, o sujeito cuidador é ativo e o sujeito cuidado é passivo. Os momentos devem alternar-se, segundo as situações, para que o cuidado seja ético. A pura passividade ou a pura atividade de um ou outro pólo da prática do cuidado é prejudicial à ação de cuidar.
- h) A prática do cuidado é um exercício de proximidade no sentido ético. Ela exige contigüidade, disponibilidade, preocupação pelo outro, acercamento à sua dor. A proximidade não é estática, mas dinâmica. Consiste num movimento de aproximar-se, acercar-se. A superação da distância espacial, afetiva e ética é fundamental para a ação de cuidar. Não se pode ajudar alguém à distância. Mas, por outro lado, a proximidade não pode significar dependência afetiva que obscureça a identidade pessoal. Quem cuida não pode estar tão próximo que tome o lugar do outro e responda por ele. O cuidado exige também o distanciamento que possibilita o assumir-se e tomar decisões. Portanto, o cuidado deve saber ponderar momentos de forte proximidade com momentos de respeitosa distância.
- i) O tempo e o espaço são categorias fundamentais do ato de cuidar. Uma má organização temporal e espacial repercute gravemente na prática do cuidado. Cuidar pressupõe tempo de dedicação e uma continuidade temporal. Não pode ser um ato instantâneo e apressado. Exige paciência, lentidão e gratuidade temporal. Quem cuida não pode estar medindo e contando as horas. O ritmo temporal de quem cuida deve estar adaptado ao ritmo somático, psíquico e existencial de quem é cuidado. Cuidar exige também um espaço idôneo, não pode acontecer em lugar estranho e anônimo, muito menos num lugar caótico e ruidoso. Exige cenários habituais e conhecidos. O próprio lar é o lugar mais adequado. Situações de vulnerabilidade devem ser vividas e assumidas em espaços familiares que façam sen-

tir-se em casa. No espaço anônimo, o sujeito vulnerável encontra-se desamparado, exilado e expatriado.

- j) O cuidado é uma modalidade comunicativa onde a linguagem não verbal ocupa um lugar central. Não existe cuidado sem comunicação, mas nem toda comunicação identifica-se com cuidado, pois cuidar exige um tipo de comunicação onde verbalidade e não verbalidade estão intimamente implicadas. É necessário saber articular bem a linguagem não verbal, porque a pessoa fragilizada é extraordinariamente sensível a esse modo de comunicação. O sujeito vulnerável fala mais por gestos e olhares do que por palavras. Em muitos casos, a atitude de calar expressa melhor o que se sente e quer comunicar. Existem situações em que o silêncio é um agente maximamente comunicativo e quem cuida deve saber compreender e interpretar esses momentos. Assim, cuidar é essencialmente escutar e estar atento às necessidades e solicitações de quem necessita ajuda. Nesse sentido, escutar significa ser receptivo à capacidade narrativa do ser fragilizado, porque o fato de narrar com gestos e palavras já tem seu efeito terapêutico. Trata-se de criar as condições para a narração. O ser humano justamente caracteriza-se por narrar o que vive e sente. Essa narração não é uma justaposição de palavras, mas um discurso que busca o "fio da meada" de uma história pessoal. Por isso narrar é uma tentativa de interpretar. O cuidador deve facilitar a narratividade de quem quer cuidar, provocando sua capacidade narrativa e interpretadora. Existem situações em
- que a pessoa está tão vulnerável que não consegue narrar verbalmente, sendo necessário estar atento à sua comunicação simbólica.
- k) Na arte de cuidar, a vinculação entre quem cuida e quem é cuidado é fundamental. Ela pode acontecer naturalmente pela empatia, mas nem sempre é espontânea. Nesse caso é necessário encontrar meios que criem laços e fortaleçam vínculos entre os dois. A simpatia refere-se a esse trabalho de ligação e entrelaçamento pela iniciativa do cuidador que tenta entrar em sintonia com quem quer ajudar. Ser simpático não é apenas ser educado e cortês, mas colocar-se nas coordenadas anímicas do sujeito fragilizado. A confiança mútua só é possível no marco da mútua simpatia. Desde a confiança aprende-se a compartilhar e acolher o semelhante. A confiança suscita solicitude e ternura. Assim, a arte de cuidar exige técnica, intuição e sensibilidade, mas o exercício da ternura é fundamental para desenvolver atos de cuidado. O sujeito vulnerável necessita cuidado regado com afetividade, especialmente ternura, pois deseja ser tratado com delicadeza e sensibilidade. A expressão por excelência da ternura é a carícia, onde se acentua a proximidade ética e o respeito ao outro. A carícia em certas situações é a melhor forma de comunicação não verbal. Ela revela cuidado solícito, manifesta sensibilidade através do contato físico, expressa-se como gesto sensível. Contudo, a carícia transcende o sensível, porque no gesto de carinho ao corpo do outro se quer acariciar a pessoa como tal.

CONCLUSÃO

Os desafios e problemas que enfrenta atualmente o planeta terra em todos seus sistemas ecológicos e na sociedade humana em particular exigem uma solução na linha do cuidar. Pois, a única atitude condizente diante de seres vivos vulneráveis e inter-dependentes, sejam eles humanos ou não, é o cuidado. A modernidade deixou atrás de si um rasto de destruição e morte, porque perdeu a sensibilidade e a admiração diante da vida, esqueceu que ela é vulnerável e frágil, transformando os seres vivos em objetos de análise e de intervenção para o bem-estar exclusivo dos humanos, sem se importar com o equilíbrio e a reprodução da vida. Hoje constatamos as chagas ecológicas estampadas por toda parte e os próprios seres humanos sendo manipulados pela ideologia da técnica, oferecendo próteses de felicidade. A solução é voltar a maravilhar-se diante do milagre da vida e solidarizar-se com os humanos fragilizados e excluídos do sistema, desenvolvendo a prática do cuidado. Quem procura assumir as atitudes condizentes com essa prática, arrolados nos princípios levan-

tados acima, terá uma atitude de respeito e solidariedade tanto com os humanos quanto com os seres vivos em geral. Importa fazer surgir um novo tipo de ser humano mais pautado pelo cuidado. O mundo e especialmente o planeta terra não terão solução sem uma mudança no modo dos humanos se relacionarem com os seus semelhantes e com a natureza. A sociedade atual e a cultura que a sustenta necessitam despertar para a necessidade da prática do cuidado diante de realidades vulneráveis. Isso exigirá uma conversão ética das atitudes e uma conversão espiritual da mentalidade na linha do cuidar. O sistema, fundado exclusivamente na justiça, não responde a todas as questões, mostra-se insuficiente para resolver certos problemas. O paradigma do cuidado, introduzido e desenvolvido pela reflexão das mulheres, responde a essa insuficiência. Quer afrontar os desafios e problemas do mundo atual com novos critérios e parâmetros, mais condizentes com a vida e mais preocupados com as inter-relações.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

1. Por que se pode afirmar que o paradigma da justiça deve ser completado e corrigido pelo paradigma do cuidado?
2. Você cre que o paradigma do cuidado precisa ser mais conhecido e aprofundado no seu contexto de vida e missão? Por que?
3. Procure refletir com a sua comunidade sobre as implicações que o paradigma do cuidado está chamado a ter na prática da Vida Religiosa.



ROQUE JUNGES: Doutor em Teologia Moral - Professor no Centro de bioética de São Leopoldo e no Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas de Belo-Horizonte

Endereço do autor: Residência Conceição • Caixa Postal 101
93.001-970 São Leopoldo (RS) • E-mail: suess@uol.com.br

Mística da Solidariedade na Vida Religiosa

NOVOS CAMINHOS NO PROCESSO FORMATIVO (EDUCATIVO)¹ E NA DINÂMICA DAS COMUNIDADES RELIGIOSAS

IR. MARIA CARMEN CASTANHEIRA AVELAR, SALESIANA

INTRODUÇÃO

Nestes últimos anos, a CRB se propôs a “animar um processo de refundação da Vida Religiosa”, destacando, entre outros elementos, *“a presença solidária entre os pobres no seguimento de Jesus Cristo, para a transformação social”*. Mais recentemente, os marcos indicadores para o triênio CRB 2001-2004 incluem, como um dos caminhos do processo de refundação da VR a *“Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade”*. Pergunto, então: como pode a solidariedade cristã, enquanto valor evangélico de primeira grandeza, influenciar, efetivamente, como um critério iluminador decisivo, na releitura do significado da

Vida Religiosa para o povo de Deus, hoje? E ainda: que modificações deveriam acontecer no ambiente das comunidades religiosas para que predomine um clima de efetiva solidariedade cristã?

Há poucos meses, chamada a falar para educadores e educadoras salesianos de todo o Brasil, decidi propor-lhes a *mística da solidariedade* como resposta e contribuição que as escolas das Irmãs salesianas podem oferecer à sociedade globalizada atual². De fato, enquanto valor evangélico e enquanto mística, a solidariedade motiva e dinamiza projetos educativos comprometidos com a proposta transformadora de Jesus Cristo e impulsiona a todos – educadores e educandos – a percorrermos o

1. Cf. as recentes observações feitas a respeito da etimologia da palavra formação feitas por J.B. LIBANIO, *A Arte de formar-se no Limiar do Novo Milênio* in *Convergência* 344 (2001) 357-358.
2. O pronunciamento da autora na mesa redonda: “Releitura do Sistema Preventivo (de D.Bosco) e Comunicação numa Sociedade Globalizada”, foi intitulado: *“Educar à Mística da Solidariedade – Uma resposta das Escolas Salesianas, FMA/Br – à Sociedade Globalizada, VII CONES, Águas de Lindóia (SP), julho/2001.*

caminho da comunhão, da inclusão, da inclusão, da igualdade, do compromisso com a conquista de melhores condições de vida para todos.

Assim, é na ótica do carisma salesiano (educativo-evangelizador) que gostaria de ocupar o espaço a mim, gentilmente, oferecido pela direção da Convergência, para partilhar com religiosos e religiosas do Brasil a convicção de que os

caminhos da solidariedade cristã podem conduzir a Vida Religiosa a horizontes revitalizadores dos compromissos assumidos na Igreja, no seguimento de Jesus Cristo, para que fontes de água viva brotem no seio das comunidades religiosas e sejam também fonte de vida abundante para nossos irmãos e irmãs mais necessitados e para toda a comunidade eclesial.

1. EXIGÊNCIA DOS TEMPOS ATUAIS

O fenômeno da interdependência, da planetização da sociedade reaviva em todo seguidor e seguidora de Jesus Cristo a consciência histórica de que *"nosso destino é sempre e cada vez mais comum"*, de que nosso compromisso com o evangelho exige empenho concreto na defesa e na reabilitação dos abandonados, marginalizados e oprimidos, e engajamento num projeto educativo-evangelizador, pastoral-catequético solidário mediante o qual todos *"trabalham para construir junto a casa comum, na qual todos estejam bem e encontrem seu espaço e na qual ninguém se sinta excluído"*, mas pelo contrário, se sinta protagonista, participante ativo, solidariamente interligado.

Valores como a pluralidade e a comunicação passam a pautar, de modo mais incisivo, nossas iniciativas comunitárias, promocionais, pastorais, o que é muito alvissareiro. Todavia, somente por meio de uma ampla obra evangelizadora, educativa e cultural inspirada na solidariedade cristã, é que poderão ser superadas as marcas negativas, constrangedoras e excludentes do individualismo, da globalização da economia, do imperialismo, da

tentação da uniformização, do primado absoluto da rentabilidade.

O desafio é, portanto, *fazer da convivência e da nossa missão comunitária uma questão de solidariedade*, radicando nossas iniciativas *"na diferença entre as pessoas, na autonomia delas, na compreensão destas diferenças, na construção de uma unidade orientada para a salvação, para o desenvolvimento da pessoa humana toda e todos os homens e mulheres"* que aspiram por melhores condições de vida (cf. *Populorum Progressio*).

E a Vida Religiosa refundada é convocada a ser sinal profético de uma plenitude de vida partilhada e participada por todos, de tal modo que os caminhos da inclusão e da solidariedade sejam o lugar comum, o lugar de encontro, de convergência, de luta e de convivência, de inspiração e de revitalização de todos aqueles e aquelas que se deixam evangelizar pela proposta de Jesus Cristo e que se dispõem a se tornarem, com Ele, por Ele e n'Ele *"sal da terra e luz para a humanidade"*, hoje dilacerada pelas feridas de um poderio econômico liberal alucinante, colonizador e excludente.

Logo, é indispensável que, nos situemos diante do quadro econômico-cultural atual, marcado pela globalização, protegendo-nos com as lentes da solidariedade. Qualquer que seja a explicação que se dê ao fenômeno da globalização, há de se considerar que, com ela ou a partir dela, está sendo desencadeada uma “multifacetada transformação dos parâmetros da condição humana”³. Transformação que põe às claras conseqüências também muito diversificadas da globalização quer seja sobre as condições sociais, quer seja sobre os rumos da educação, quer seja sobre a política, enfim, sobre a cultura contemporânea.

A globalização, embora seja considerada por diversos ângulos – a favor ou contra – é, segundo alguns, fato irreversível e de conseqüências também irreversíveis. Fato de resultados muito amplos, muito bem localizados e contraditórios o que vem a explicar, em parte, talvez, por que nos sentimos a contragosto no embate das ondas deste mar. No mar da globalização no qual dança tanto a onda da mobilidade, do movimento, quanto a onda da localização; tanto a onda que aproxima quanto a onda que divide, distancia e exclui⁴; tanto a onda da acumulação de riquezas, do consumo e da prosperidade, quanto a onda da radicalização da pobreza, da carência, do desemprego, da desecoralização, da falta de oportunidade, configurando apenas algumas das sérias contradições deste processo que atinge a toda a humanidade⁴.

Há quem amenize os efeitos da globalização. Outros insistem nas suas funestas conseqüências. Há pontos, porém, inquestionáveis: esta evolução de conjunto, que atinge a todos os aspectos da vida humana e que é alicerçada na hegemonia do econômico, aponta para o nascimento de uma civilização planetária. A rápida mundialização da economia tem produzido um acúmulo de riquezas com conseqüências muito funestas. Estas conseqüências, é evidente, desafiam e questionam religiosos e religiosas que sonham e agem para que a vida humana seja promovida em todas as dimensões e seja *um bem para todos*.

Comumente, condenamos os hediondos procedimentos de escravidão do passado, mas, em contrapartida, fechamos os olhos, ou seja, ainda não temos clareza suficiente e cruzamos os braços, diante da globocolonização contemporânea, que é uma evidência. Não me refiro ao “império da Rede Globo”, senão ao processo mais amplo que utiliza inclusive a própria Globo como uma de suas mediações, que utiliza os meios de comunicação, para estimular o desejo do acúmulo de riqueza, do consumo desenfreado. Desastrosamente, os mecanismos utilizados pela política econômica internacional atual sufocam cada vez mais os pequenos, fortalece os mais ricos, cria limites de separação cada vez mais extensos, dificulta e impede o acesso à escolarização, transforma a educação e outros direitos de todos os cidadãos em bens de consumo, inacessíveis às populações mais carentes e necessita-

3. Zygmunt, BAUMAN. *Globalização. As conseqüências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 7.

4. Cf. *Ibid*, p. 8.

das. Esta globalização econômica – uma das fortes vertentes da globalização –, é o império do econômico, do mercado que ocupa os espaços do Estado Social⁵.

É impossível negar o surgimento e a configuração de um novo quadro social, de uma “nova questão social” que desafia não somente os cientistas da área, os chamados cientistas sociais e políticos, mas também a nós, religiosos/as e agentes cristãos. É impossível desconsiderar os sofredores, as vítimas e os injustiçados pela política, pela sociologia, pela religião do mercado, pelo império do mercado que desintegra e divide pela força combativa de sua lógica excludente. O vírus do império econômico é avassalador, é arrasador. Os sintomas de sua atuação já são constatados com facilidade. Entre outros:

- substituição do trabalho vivo de homens e mulheres pela máquina gerando um quadro de desemprego estrutural;
- incremento ao projeto político de produção da exclusão (ou política deliberada): competitividade, produtividade, acumulação de capital;
- concentração da riqueza, ampliação dos bolsões da pobreza, desescolarização (cf. *Jornal do Brasil* de 09 de julho/01);
- crescente ampliação das fronteiras entre os incluídos no processo de globalização econômica e os excluídos dos mecanismos de produção e de consumo e do exercício da cidadania;
- aumento dos índices da marginalização, dos que estão “além da comunida-

ção de comunicação”, que não têm voz nem voto, os ninguém⁶.

- novas formas de gerenciar a morte (porque a vida é privilégio de poucos), por meio de mecanismos de manipulação, de interiorização do domínio, da exploração, de expropriação da personalidade:

“No evoluir histórico do processo de interiorização do domínio (de penetração do processo de exclusão no indivíduo) pode considerar-se o fundamento do domínio do homem sobre o homem, e portanto o fundamento do poder. (...) Se aquele que se pretende excluir já não pode ser morto, mas deve ser dominado e utilizado, a forma de exclusão mais próxima da morte consiste em reduzi-lo a corpo, coisa, animalidade, reportando à natureza a particularidade específica que pode justificar a sua exclusão da subjetividade do poder⁷.”

Participo da convicção de que é necessário percorrer caminhos evangelizadores que apontem para uma nova realidade social alicerçada nos pilares da justiça, do respeito, da partilha, da valorização das culturas, da primazia da pessoa, da unidade na pluralidade, da solidariedade, do cuidado com as pessoas, do cuidado com a realidade (para o bem de todos). Por isto, é importante que nós, que investimos energias a favor da cultura da vida, consideremos:

“A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios,

5. Cf. Olga de Sá, Olga. *Destaque de uma leitura sob a ótica cristã*. In EQUIPEDE. Subsídio para o Congresso das Escolas Salesianas da América, realizado em Cumbayá, maio de 2001, item 2.2.4.

6. Cf. *Ibid.*

7. *Ibid.*, onde Ir. Olga de Sá faz importantes considerações sobre a questão.

das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo 'localizador, de fixação no espaço' – de exclusão. Neste contexto, são criados processos que diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras: 'o que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. (...) Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente 'globais'; alguns se fixam na sua 'localidade' (na sua exclusão, escravidão, marginalização)' – o que resulta muito desagradável e insuportável "num mundo em que os globais dão o tom e fazem as regras do jogo da vida"⁸.

São muito oportunos, então, os diversos clamores que vêm surgindo, alertando-nos para a necessidade de criarmos mecanismos de globolibertação, de globocomunhão solidária, de globoinclusão.

Para citar um exemplo, lembro, aqui, Madre Antônia Colombo, Superiora Geral das Irmãs Salesianas que assim se

expressou num encontro das Irmãs que trabalham com jovens e crianças em situação de risco:

"Globalizar a solidariedade para que todos possam usufruir, de modo equitativo, dos bens existentes sobre o planeta é um programa alternativo à globalização imperante, fundamentada sobre a concepção neoliberal" (Strade verso casa, 226).

É urgente colocar a globalização neo-liberal diante da solidariedade cristã: CONFRONTO E DISCERNIMENTO.

Aqui, cabe perguntar:

- * Estamos criando, em nossas comunidades, "globais", "localizados", "excluídos" ou pessoas livres e protagonistas, cidadãos/ãs batalhadores, conscientes e atuantes?
- * Que resistência temos colocado às ações marginalizadoras dos "globais"?
- * Estamos reforçando, com nossas comunidades religiosas, o sistema Global-localizador-excludente ou temos viabilizado sempre mais a concretização da cultura da vida, da *cultura da solidariedade, da utopia cristã*?

3. NOS CAMINHOS DA SOLIDARIEDADE

Diante da contraditória polarização e desintegração social provocada pelo fenômeno da globalização, cabe a nós, religiosos e religiosas, reagir, em conformidade com a *utopia cristã da sociedade igualitária*. Revigorados e iluminados pela experiência de Pentecostes, celebração da *universalidade da comunidade cristã*, na qual se estreitam os laços da unidade,

apesar da diversidade, podemos dar uma substancial colaboração na conquista da unidade na pluralidade das pessoas e da comunicação entre elas, na conquista de uma verdadeira *comunhão planetária*⁹.

Todavia, a caminhada rumo à unidade na pluralidade, ao desenvolvimento integral da pessoa, de todas as pessoas e das diferentes coletividades, parece

8. Cf. Z. BAUMAN, op.cit., p. 8.

9. Cf. Document de la Commission Justice et Paix-France, *Maîtriser la mondialisation*, in La documentation catholique, 4 abril 1999, no. 2201.

muito árdua. Na experiência cristã da vivência da solidariedade, encontramos, porém, razões para nos inserirmos na proposta de construção de uma sociedade mais igualitária, comunitária, fraterna.

Creio que a compreensão do significado do termo *solidariedade*, *mandamento cristão de primeira grandeza*, *aprimorado nível de comunicação*, pode oferecer pistas para a releitura do significado e da missão da Vida Religiosa, em tempos de globalização econômica, de exclusão de um forte contingente da população mundial das condições razoáveis de vida. Como vejo na vivência da solidariedade o caminho que pode reparar os desvios da globalização, passo a verificar alguns dos seus ricos significados.

a* O *enfoque jurídico* destaca-se entre os demais, porque foi a partir do significado atribuído pelo Direito Romano à solidariedade que se foi passando para outras conotações de caráter filosófico, de caráter antropológico, social e teológico. Em todos estes enfoques permanece, porém, um eixo de convergência entre eles e que se refere à dimensão humana de alteridade, de abertura para os outros, de capacidade de estabelecer relações e de fazer trocas e, enfim, de conviver e de partilhar.

No Direito Romano, *"a solidariedade tinha o sentido de obrigação moral 'in solidum' de vários sujeitos em relação com um objeto único e idêntico, que os comprometia na responsabilidade coletiva"*¹⁰. Inclui-se também o significado de sólido, designando apoio seguro, de-

rivando de solus, chão. Na França, o registro mais remoto de *solidaire* é do século XVI, quando foi utilizado numa pendência judicial. Em 1723, aparece o primeiro registro de *solidarité* com o sentido que temos, atualmente, na língua portuguesa, o de *oferecer apoio seguro aos que precisam de nós*¹¹.

b* *A perspectiva filosófico-antropológica* de solidariedade está diretamente relacionada com a concepção de pessoa humana. A visão moderna que define a pessoa humana, como ser de relação, de alteridade, e, por isto mesmo chamada à comunhão, à interrelação dialogal com os outros, com o mundo criado, com o planeta, com Deus e consigo mesmo/a, favorece a percepção da importância da solidariedade, uma vez que a interação "Eu-Tu", "Eu-nós" favorece tanto a *interlocução*, quanto a *convivência*, quanto o *estar para e com os outros*, favorece a *participação comunitária e o compromisso, o engajamento em favor do bem comum*¹².

c* O *terreno da sociologia* é outro campo cultural muito fértil para o desabrochar de posturas solidárias e comprometidas com o bem comum. Nesta perspectiva, o indivíduo, que participa de uma comunidade com objetivos comuns, *só se desenvolve em colaboração com os outros*. – (A colaboração com os outros é a ambiência para verdadeiro processo educativo cristão). *Do mesmo modo em que se desenvolve, em comunidade, a pessoa humana tem compromisso so-*

10. Cf. Camilo MACCISE, *Solidariedade*, in: S. DE FIORES e T. GOFFI, *Dicionário de Espiritualidade*. S.Paulo: Paulus, 1993, p. 1110.

11. Cf. Deonísio da Silva, doutor em Letras pela USP, dando explicações via internet: deonísio@terra.com.br

12. Cf. Camilo MACCISE, *Ibid*.

cial de colocar todos os seus recursos pessoais a serviço dos outros, para que a comunidade seja construída com bases justas e solidárias, para que todos sejam incluídos e participem do processo de promoção da vida de qualidade em suas diversas dimensões. A solidariedade considerada a partir da perspectiva sociológica tem um extenso raio de influência, uma vez que pode referir-se tanto a interesses e lutas familiares, de grupos étnicos e culturais, partidos políticos, sindicatos, movimentos nacionalistas, grupos religiosos quanto pode chegar a ter dimensões internacionais, quando envolve pessoas e grupos em torno de questões políticas, sociais, econômicas, culturais, morais e religiosas que requeiram um empenho solidário de caráter universal, em vista da promoção da vida e do bem comum¹³.

d* O significado bíblico-teológico de solidariedade

No ponto de vista da teologia, **a solidariedade deve ser entendida a partir da lógica da aliança, do conceito de Deus que se compromete com as criaturas e com elas se solidariza.** E, aqui, surge, inevitavelmente, a figura, a mensagem, o testemunho de Jesus Cristo, princípio, inspiração, fundamento de toda vida religiosa. Revelação máxima do amor e do interesse de Deus solidário, Jesus Cristo solidarizou-se até o extremo com a humanidade, plenamente fiel a Deus e ao seu projeto de salvação, tornando-se o sinal mais claro e evidente da aliança amorosa e libertadora de Deus com o seu povo. Solidário, Jesus estava sempre a caminho, estava

sempre em viagem, percorrendo as estradas por onde sempre *fazia o bem*¹⁴.

O encontro com o Evangelho implica num encontro radical com Jesus Cristo, solidário com todos os homens e mulheres a quem constituiu seus irmãos e irmãs (cf. Mt 23,8) e a quem indicou o caminho da solidariedade como expressão da koinonia cristã: *a experiência de comunhão com Deus e com os irmãos* (cf. Rm 5,5). O caráter comunitário e solidário da salvação (a aliança é proposta a um povo, a uma comunidade) fundamenta-se e aperfeiçoa-se em Jesus Cristo, em sua encarnação, na sua mensagem e em todas as suas atividades: Ele se fez tudo para todos e para a todos/as congregar no amor.

A comunhão na solidariedade que parte da Aliança de Deus com seu povo, expressa a utopia do Reino de Deus, coração da mensagem e das ações de Jesus. Trata-se de uma realidade que começa no aqui e no agora, mas que aponta para uma realização definitiva, para a promessa da reconciliação universal *quando Cristo será tudo em todos* (cf. Cl 3,11).

O cumprimento definitivo do plano salvífico de Deus vai sendo antecipado, historicamente, nas diferentes concretizações históricas da solidariedade cristã **que se expressa na comunhão e na participação, na partilha dos dons, na luta contra as desigualdades e as injustiças, na defesa dos pequenos e dos pobres, na promoção dos direitos humanos, na vivência da unidade plural, da participação e da comunhão, da interação de pessoa com pessoa, das pessoas com a natureza, com a realidade, de coletividade com coletividade.** A disponibilida-

13. Cf. Ibid.

14. L. SEBASTIANI, *Maria e Isabel. Ícone de solidariedade*. S.Paulo: Paulinas, 1998, pp. 171-172.

de e o compromisso novo de compartilhar, de relacionar-se com irmãos e irmãs na *koinonia*, na certeza de que *'tudo é nosso, nós somos de Cristo e Cristo é de Deus'* (cf. 1Cor 3,22-23) é o mais expressivo sinal da experiência cristã¹⁵.

São Paulo expressa muito bem esta experiência, ao afirmar que é preciso: *"alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que se choram. Vivei em harmonia com todos"* (Rm 12,15). Isto significa estar próximo, junto. Significa estar tocado/a pela situação do outro, dos outros. Isto implica em comunhão de sentimentos com os outros irmãos e irmãs, implica em ter os mesmos sentimentos, dividir sua circunstância existencial, para, a partir daí, colaborar na conquista de um espaço novo, libertador, integrador.

Aqui, cabe perguntar:

* Que implica para cada um de nós, religiosos e religiosas, *chorar* com os excluí-

dos, com os despossuídos, com os rejeitados e marginalizados, com os sem voz e sem espaço social e comunitário, com a natureza dizimada pelo descuido humano (também dentro da comunidade religiosa)?

* Que código tem orientado a vivência e as escolhas de nossas comunidades: O Código da Aliança? O Código da Pureza? O Código da Competência? O Código da solidariedade? Etc...

* Quais os sinais de que caminhamos *"in solidum"*, todos unidos e responsáveis pelo bem comum, pelo equilíbrio social, econômico, cultural, ecológico? Pelo bem de cada pessoa?

* Que passos precisam ser dados para que os processos formativos (educativos) façam desabrochar nas pessoas a capacidade de serem apoio seguro para irmãos e irmãs?

4. DO SIGNIFICADO DA MÍSTICA DA SOLIDARIEDADE

A experiência cristã coloca a solidariedade-comunhão-partilha-eucaristia como elemento nuclear do itinerário espiritual dos seguidores de Jesus: *"Para que todos sejam um"* (Jo 17,21) e para que *"Todos tenham vida em abundância"* (Jo 10,10). Estes são mandatos do Senhor Jesus que testemunhou aos seus discípulos – e a todos nós – uma vivência radical da solidariedade e pediu que esta experiência fosse celebrada no tempo e no espaço: *"Fazei isto em memória de mim"*. Fazei o quê? O que Ele fez: a entrega da vida, a responsabilidade pela vida dos outros, pelo bem dos irmãos e irmãs. *Ele quer que todos se assentem a mesa (nas*

diferentes mesas que promovem a vida), como filhos/as, irmãos/ãs, amigos/as(cf. o Pai Nosso – Lc 11,1-4). Ele se fez um de nós, assumiu a nossa natureza, para restituir-nos a dignidade de criaturas renovadas (cf. Fl 2,6-11). Entregou-se por nós, em nosso favor, doando-se, inteiramente, vivenciando *a substituição solidária* que se faz serviço libertador, que se fez proximidade, que se fez entrega da vida, sem restrições, que se faz apoio seguro para companheiros e companheiras de ideal, de caminhada.

A mística cristã da solidariedade, – refinada dimensão da experiência cristã –, impõe-se, inegavelmente, hoje, aos

15. Cf. C. MACCISE, op.cit., pp. 1109-1116.

religiosos e religiosas empenhados em seguir o caminho da comunidade, como antídoto contra o individualismo, primeiro porque é mandato do Senhor Jesus e também porque é urgente não só *globalizar a solidariedade, mas solidarizar a globalização*. Logo, é importante que se tenha clareza sobre a mística cristã da solidariedade. É o que tentarei fazer, a seguir. Antes de tudo, é bom lembrar que, embora tenha a experiência mística da solidariedade muitos desdobramentos e possa ser entendida sob diferentes pontos de vista religiosos, será por mim enfocada do ponto de vista cristão. Começarei falando sobre o significado de mística e, a seguir, tentarei abordar a composição: mística da solidariedade.

a) O que fala o dicionário

Entre os muitos e diferentes conceitos de mística, encontrei um no Michaelis (pág. 1389), sintético, mas, ilustrativo: *“devotamento a uma doutrina”* e que poderíamos desdobrar em *devotamento a um ideal, a uma causa*. A mística, enquanto *devotamento*, é um excelente programa da experiência cristã.

b) Sob o ponto de vista da Teologia Mística

Na Teologia Espiritual cristã, a experiência mística apresenta uma rica variedade de conotações como, por exemplo: “a intuição do mistério, do sobrenatural, de Deus, presente e possuído como Outro, que permanece do lado daquele que

o revela, mas que não é sua absoluta realidade”, ou então, como *“um ‘tocar’, ou melhor, um ser ‘tocado’ por aquele que o faz amar de forma tão nova e inédita*. Mais do que a ‘verdade’ de Deus, o místico conhece deste modo sua ‘bondade’, a bondade daquele que habita e vive nele” e *se deixa seduzir e enamorar*¹⁶. O místico é um “tocado”, é um seduzido, é um enamorado, é um apaixonado, é o experimentado no amor, é um esposado, como afirmam grandes espirituais cristãos. O místico é um comprometido do amor, da aliança que implica no investimento da vida, de todo o ser no objeto do amor, no amado. (Em que investimos a vida?)

Em *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*¹⁷, a experiência mística é explicada como “un conocimiento experimental, inmediato, interno y sabroso de las realidades divinas; un conocimiento “teopático” en el que la realidad de Dios es “padecida” más que sabida: “non discens sed patiens divina”, no aprendiendo sino padeciendo lo divino, como había dicho el Pseudo – Dionisio (Los Nombres de Dios 2,9, ed. Cit., 288) en fórmula que también santo Tomás acogió e hizo suya (Summa Theologiae 1-2, q. 22, ^a3, ad 1). [...] conocimiento obtenido a partir de la unión vivida con Dios y de su operación en ella, esto es, como sinónimo de sabiduría secreta o contemplación infusa”. E místico como um termo que alude a “dimensión velada y profunda de la sabiduría de Dios”¹⁸.

16. G. Moioli, *Mística Cristã*, in S. De FIORES e T. GOFFI, op. cit., p. 776.

17. De Teodoro H. Martín, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, Madrid: BAC, 1990, pp. 371-380.

18. Tomaz ÁLVAREZ, *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 971.

A partir das abordagens anteriores, podemos compreender mística como “*devotamento*”, posse do amado ou melhor, ação de deixar-se possuir, amorosamente, pelo Outro; como intuição e envolvimento no mistério, tocar ou ser tocado pelo outro, pelo amor, deixar-se habitar pela bondade amorosa do Outro, *deixar-se seduzir, enamorar-se*. Ou então, *a experiência mística pode ser entendida como uma forma de “padecimento”, um padecimento (sofrimento) saboroso e frutivo que dinamiza o ser, que faz estar ali “misturado”, unido, estreitamente unido de tal forma que a vida, as ações das pessoas são investidas, revestidas, impulsionadas por este amor, por este padecimento*. Supõe, então, um acentuado nível de interrelação, de estar com, de ser com.

Ter a experiência mística é padecer do amor. É ser atormentado, afligido, martirizado pelo amor. Ou então, é admitir, consentir, permitir ser amado, ser conduzido, ser arrastado pelo amor. A mística é, portanto, um elevado nível de comunicação, de alteridade, mediante o qual a estreita interação, interatividade com o Outro é incondicional, fecunda, transformadora. A experiência mística é uma experiência de comunhão, de reciprocidade incondicional, radical, amorosa, que envolve o ser inteiro da pessoa. É, ao mesmo tempo fruição que envolve e seduz e impulso que direciona a ação.

* As comunidades religiosas têm conseguido criar condições para que seus membros desenvolvam uma forte experiência mística, uma forte experiência de comunhão amorosa com Deus?

5. COMO FORMAR(EDUCAR) À MÍSTICA DA SOLIDARIEDADE NA VIDA RELIGIOSA?

Mística da solidariedade é, então, o “padecimento” da solidariedade, é o deixar-se penetrar e envolver-se pela solidariedade, é o padecimento frutivo, saboroso da solidariedade de tal modo que as ações de quem sofre deste padecimento têm a marca dele, são impulsionadas por ele. Viver a mística da solidariedade é viver possuído, tomado pela causa da solidariedade, é viver em contínua interação com os apelos, com as exigências do ser-solidário-comunhão. No nosso caso, mística da solidariedade: é o consentimento da solidariedade, é estar contaminado pela solidariedade, é deixar-se arrastar pelas atrações da solidariedade (cf. Michaelis, p. 1527).

Colocando a solidariedade como um critério formativo na Vida Religiosa,

pode-se dizer que formar à *mística da solidariedade significa formar ao devotamento pela responsabilidade coletiva, significa educar à responsabilidade pelo bem comum, formar à paixão pela interrelação dialogal-transformadora, à paixão pela alteridade, pela abertura e acolhida do outro, do diferente, do singular, à paixão pela inclusão o que implica no empenho na luta contra a exclusão, a marginalização e a marginalidade, a falta de oportunidade, as discrepâncias sociais. É educar à capacidade de padecer a proximidade libertadora, de se deixar motivar pelo sentido do outro, pela utopia cristã da supremacia da vida abundante, de qualidade, em todas as suas dimensões etc., etc.*

Formar à mística da solidariedade é criar condições para que os religiosos/as fiquem tomados pelo sabor do compromisso com a justiça, do compromisso pela promoção da inclusão de todos no exercício da cidadania, como sujeitos autônomos, participantes, ativos. Note-se que se trata de projetar (no sentido de lançar) o formando ao padecimento da solidariedade, a sofrer do “bem” da solidariedade. Implica em engajá-lo no empenho pelo estabelecimento do paradigma da sociedade (da comunidade) igualitária, justa e fraterna, na qual todos e cada um atuam, com dignidade, sua missão de sujeito livre, responsável, lançar o jovem na batalha pelo bom gerenciamento dos bens da natureza; implica em utilizar mediações que envolvam os formandos/as num clima de ternura, de sabedoria, de cuidado por todos os bens da criação. E, a partir daí, preparar *o/a jovem à competência da solidariedade*. Há de se criar a epidemia da solidariedade em nossas comunidades, e de tal modo que, uma vez radicada em nossos projetos comunitários, formativos – evangelizadores, dificilmente será dizimada.

É urgente provocar a contaminação do vírus da solidariedade em nossas comunidades, uma vez que parece ser ele a vacina, o antídoto contra o mal da exclusão, da discriminação, da globalização colonizadora, do fechamento egoísta, das distorções ecológicas, das diferenças mal trabalhadas.

Nossa indagação:
como formar:

ao padecimento da solidariedade?
Ao consentimento da solidariedade? Ao devotamento à solidariedade? À comunicação, à comunhão solidária, à comunidade solidária, no estilo evangélico? À

mística da solidariedade? À convivência humanizada e humanizadora que cria laços de convivência e reciprocidade das pessoas consigo mesmas, com os outros e com a natureza?

As vidas dos fundadores, tenho certeza, pois assim aconteceu com Dom Bosco, fundador dos salesianos/as e de Maria Mazzarello, co-fundadora do Instituto das Irmãs Salesianas ao qual pertencço, estão repletas de milhares de exemplos neste sentido. Eles, fundadores e fundadoras (e cada leitor/a pode recordar os seus), realmente, criaram e vivenciaram um projeto de Vida Religiosa impregnado de devotamento, de “padecimento” dos grandes ideais, de comunhão. Todas as comunidades religiosas podem, com certeza, se espelharem em seus fundadores que, de uma forma ou de outra, ora cuidando dos pequenos e necessitados, ora dedicando-se à promoção da vida de qualidade para as diferentes camadas da sociedade, ora insistindo na dedicação e na convivência igualitária entre irmãos e irmãs, vivenciaram a mística do cotidiano devotado, do cotidiano assumido com fé, com esperança, com amor: do cotidiano impregnado de devoção (cuidado) e serviço aos irmãos e irmãs. Um amor e um devotamento efetivo aos outros como transbordamento do amor, do cuidado de Deus.

Lembro, aqui, a grande e inesquecível mestra da vida espiritual, Teresa de Jesus – Teresa d’Ávila que sempre insistiu na importância do amor efetivo para com os companheiros/as de caminhada, como condição *sine qua non* para o crescimento na experiência do amor de Deus: “o amor não deve ser fabricado em nossa imaginação, mas provado em obras” (*Moradas III 1,7*), porque, caso contrário – como explica Teresa –, não é amor.

Da vida de devotamento, de dedicação ao bem dos outros é que nasce o verdadeiro culto espiritual. É neste devotamento que se fundamenta a verdadeira experiência de Deus, pois, a devoção aos outros é liturgia viva, é culto, é louvor a Deus, é caminho de santificação, é mediação de amadurecimento pessoal e de construção de uma comunidade empenhada na transformação da realidade.

"Só quero que estejais cientes disto: para ter benefício neste caminho e subir às montanhas que desejamos (a experiência do amor de Deus), o importante não é pensar muito, mas amar muito" (Teresa

de Jesus, Moradas IV 1, 7), e prossegue: "o amor não está no maior gosto (prazer), mas na maior determinação em contentar a Deus" (o amado).

Trata-se, por conseguinte, de uma fé existencial, profundamente "encarnada, inserida" na vida, que mantém desperta, acesa, ativa a consciência, a responsabilidade ética de orientar as próprias ações para a realização da utopia do Reino de Deus¹⁹, no qual tudo estará devidamente reconciliado: cada qual consigo mesmo, uns com os outros, todos/as reconciliados/as com a natureza e com o Transcendente-Deus.

6. CONCLUSÃO

À luz das reflexões sobre a mística da solidariedade seria necessário fazer um amplo aprofundamento tanto sobre os procedimentos e metodologias utilizados pelas comunidades religiosas no processo formativo, inicial ou permanente, dos seus membros quanto sobre os critérios que fundamentam a organização institucional, as formas de relacionamento entre os membros das comunidades como também sobre o significado dos votos. Estou convencida, porém, de que este é um tema que não pode ser abordado de um só fôlego. O ideal é que as comunidades religiosas, unidas "in solidum", enfrentem a missão de incluir, com sábia responsabilidade, no processo de refundação da Vida Religiosa, um espaço relevante para questionamentos decorrentes do horizonte da utopia cristã do Reino de Deus, da reconciliação universal, da sociedade igualitária que reúne filhos e filhas, ir-

mãos e irmãs, para partilhar, para condicionar o pão da vida plena. O que se espera, em tempos de globalização, de império do liberalismo econômico que provoca discriminações e exclusões de grande contingente da humanidade, é que Ordens, Congregações, Institutos Religiosos tenham a coragem de repensar sua missão na Igreja e na sociedade, de reavaliar a vivência dos Votos e o significado da consagração, a partir dos critérios evangélicos da solidariedade cristã que tem por finalidade criar relações reconciliadas mediante as quais todos/as encontrem espaço para agir e falar, reconhecimento, dignidade e valorização.

Criar uma ambiência solidária, um espaço comunitário todo ele impregnado da mística da solidariedade, do cotidiano devotado, dedicado ao bem comum e ao bem de cada um, é um desafio, mas igualmente uma obrigação que, hoje, tempo

19. Cf. Nicola PALMISANO, *Um Cammino di semplicità. Don Bosco e il 'sistema preventivo' riletto alla luce delle problematiche d'oggi*, Torino: Elle Di Ci, 1987, pp. 74-79.

de globalização, deve ser vivenciado, deve ser experienciado, com criatividade, com empenho, com "paixão". É óbvio que, aqui se impõe o exemplo de Jesus Cristo, espelho-fonte onde são recolhidos, com clareza e segurança, os critérios de todo e qualquer agir solidário, de toda e qualquer experiência autêntica do amor misericordioso de Deus-Agape que, no Filho, pela força do Espírito reúne filhos e filhas, irmãos e irmãs, para serem presenças proféticas na realidade, hoje, dilacera-da por iniciativas e ações excludentes e dominadores.

Parece-me, então que é urgente voltar à experiência, à pedagogia da Comunidade Primitiva: *partilha-justiça, compromisso, misericórdia e solidariedade*

Desde a origem da experiência cristã, encontramos as marcas do esforço comunitário para superar as situações de pobreza, para que não existissem pobres ou necessitados, desigualdades e injustiças entre seus membros (cf. Tg 2,5). Ainda que em meio a muitas dificuldades, as primeiras comunidades demonstravam ter compreendido a centralidade do mandamento: "Tomai isto e reparti entre vós. [...] E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: "Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória" (Lc 22, 17. 19). Assim, desde a primeira comunidade cristã, a fraternidade nasce da repartição, da partilha de bens (roupa, comida, casa), da misericórdia (compaixão para com o outro), da inclusão, do pensamento voltado para todos/as, do cuidado com pequenos e desprovidos de bens, da solidariedade (estar "in solidum" com o outro, amor

fraterno estabelecido entre quem necessita e entre quem possui):

"A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor e todos tinham grande aceitação. Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo a sua necessidade" (At 4,32-34).

No cristianismo solidário, é evidente, não há lugar para práticas de exploração, de injustiça ou de desigualdades, de dominação e de exclusão. Um cristianismo vivenciado na lógica da partilha de bens, da opção, do amor pelo pobre e necessitado, de misericórdia, de ternura, de cuidado para com o/a outro/a é sinal profético da soberania amorosa e salvadora de Deus²⁰. Trata-se de um genuíno e profético discipulado de Jesus calcado na vivência concreta da partilha entrelaçada com a justiça, a solidariedade e a misericórdia, sinais mais fortes do amor libertador do Deus do Reino:

"Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um" (Lc 2,42.44-45).

Além do mais, a solidariedade de Jesus para com a humanidade, demonstrada

20. Eduardo, HOORNAERT, Eduardo. *O Movimento de Jesus*, Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 106-109.

ao longo de toda a sua caminhada terrena é a expressão mais autêntica e mais reveladora do amor salvador, misericordioso e libertador do Pai e a grande inspiração para a edificação da ekklesia, da comunidade dos filhos/as e irmãos/ãs, da comunidade primitiva, de toda autêntica comunidade eclesial, de toda comunidade religiosa que percorre, generosamente, os caminhos evangélicos da vida renovada em Jesus Cristo, na força do Espírito.

“Solidário, ele sai-de-si-próprio para o Pai, na obediência radical, e para os irmãos, na vivência do amor-serviço” (cf. 2Cor 5,17; Gl 6,15)²¹.

Diante do espelho-fonte que é Jesus Cristo, exemplo máximo de solidariedade, e diante do testemunho eloqüente da Comunidade Primitiva, cada comunidade religiosa, inserida no processo de refundação, de re-significação de sua missão na Igreja, pode, então, rever-se, procurando caminhos de revitalização para o próprio carisma na Igreja:

- * Que procedimentos ou metodologias devem ser implementados no processo formativo (educativo) dos religiosos/as para que todos/as sejam envolvidos pela mística da solidariedade, para que a espiritualidade do cotidiano devoto seja sinal profético na realidade globalizada?
- * Que enriquecimentos a reflexão sobre a solidariedade pode trazer para a releitura e a vivência dos Votos?
- * Que providências devem ser tomadas para que nas comunidades religiosas não haja excluídos, não haja nem globais, nem localizados, não haja necessitados, mas sim, irmãos e irmãs que se assentam na mesma mesa, com a mesma dignidade, partilhando do pão da vida abundante e plena?

Que em nossas comunidades religiosas e eclesiais não haja espaço para a guerra da globalização e sim para o mutirão da solidariedade!

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

São várias as perguntas inseridas no corpo do texto para a reflexão e o debate nas comunidades. Selecione aquelas que lhe pareçam mais pertinentes no seu contexto e procure trabalhar com elas pessoal e comunitariamente.

 MARIA CARMEN CASTANHEIRA AVELAR, salesiana. Doutora em teologia sistemático-pastoral pela PUC/Rio. Professora do Departamento de Teologia da PUC/Rio e do Centro Loyola de Fé e Cultura do Rio

Endereço do autor:

Rua Alberto de Sequeira, 22 - TIJUCA
20260-160 - RIO DE JANEIRO - RJ

21. Cf. Alfonso, GARCÍA RUBIO, *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*, S.Paulo, Paulinas, 1999⁵, pp. 118-119.

**“NÃO PEÇO QUE OS TIRES DO MUNDO”
(JO 17,15)**

**SANTIAGO RAMIREZ, OFM
PRESIDENTE DA FAMÍLIA FRANCISCANA NO EQUADOR**

A Vida Religiosa, no continente, está mais do que em exílio, está em “itinerância” como caminho do Espírito. Nisso se descobre uma novidade de situação e percepção no caminho espiritual.

Um olhar aos homens e mulheres de nossos países da América Latina permite constatar a variedade de situações e sentimentos na maneira de perceber e viver a fé, as crenças, o ser cidadão/cidadã. Igualmente para as modalidades de ver e interpretar a Vida Religiosa e a espiritualidade. Acrescente-se a isso, o condicionamento proveniente da classe social, o meio econômico, o ser varão

ou mulher, a corrente ideológica ou religiosa que nos envolve, e, de modo especial, nossa opção por uma forma de vida.

No presente artigo, estamos situados como homens e mulheres de fé, fundamentados numa opção teológica por Deus, em virgindade pobre e fraterna. Sentimos como nossa a missão de Deus no mundo: construir o caminho do Reino com todos que se deixam tocar pela dor e pelo amor, sentem o amor pelos pobres e excluídos, desejam e constroem o projeto humanitário de Deus. Esta é uma espiritualidade que se transforma em missão e identidade.

I. ESPIRITUALIDADE EM ITINERÂNCIA

Qual é nossa situação? Começemos perguntando-nos por nossa situação, pois ela delimita as expressões da fé e da espiritualidade. Alguns aspectos dessa situação.

Deslocamentos e exclusões por causa da mundialização. No meio da luta para sobreviver à miséria, e da violência, corrupção e exclusão de todo tipo, estamos buscando espírito e sentido, felicidade e Deus. Tudo isso pode ser interpretado como um “exílio”, caracterizado de pluralismo e relativizações,

que desgasta e até transmite uma sensação de inutilidade, já que, se acrescenta uma debilidade religiosa pessoal, grupal e institucional. Manifesta-se um deslocamento de valores e transferência cultural, próprio da mudança de época. Os fatos nos colocam na mundialização. Ao mesmo tempo, somos convidados a situar-nos neste espaço à luz do Espírito Santo, o que permite discernir o tempo presente. Pois, toda espiritualidade é um ecossistema vital, habitado pelo Espírito.

A Vida Religiosa está marcada pela cidadania, já que seu estilo e missão são “carismas evangélicos para o mundo”, o que converte os religiosos e religiosas em “testemunhas de Deus no mundo”. Portanto, sobre eles “se deve afirmar, com realismo, a presença dos consagrados na sociedade como cidadãos deste mundo, e, ao mesmo tempo, peregrinos em direção à pátria” (cf. Hb 13,14)¹. “Servir à causa da humanidade segundo o plano de Deus”².

“Todos nós, como membros vivos do Corpo de Cristo, que é a Igreja, participamos dessa sociedade em mudança. A transformação pode ser apreciada com mais força nas novas gerações. Vivemos nossa identidade cristã: 1) na “diáspora” de uma sociedade em movimento e inovação que amamos e participamos;

2) no “exílio” de uma sociedade em rede, e profundamente inter-conectada, em que nos integramos como peregrinos em direção a uma nova cidade; 3) *na tensão que surge quando nos sentimos sociedade civil que se opõe às hegemonias econômicas, políticas, ideológicas ou criminais”*³.

*Verifica-se uma mudança nas experiências de fé e de espiritualidade, devido à centralidade do humano como lugar teológico e espiritual, originando uma espiritualidade da compaixão e da *passio mundi*.*

O deslocamento nas expressões de fé e espiritualidade está influenciado pelo

novos valores antropológicos e sociais. Centralização do humano através do respeito, da tolerância, da acolhida a todos. Sensibilidade e solidariedade manifestadas em ações, como resposta a necessidades imediatas, a pobreza concretas, abandonadas ou não atendidas.

Considera-se que a mística é a chave-mestra, o fermento que nova vida e missão devem conter. Pessoas ancoradas e realizadas em Deus, cujo fundamento é o próprio Deus. Trata-se de uma espiritualidade alicerçada na firmeza de uma fé teológica, e não em estratégias.

Paradigma espiritual em itinerância

O que foi dito até agora nos fala de uma novidade espiritual, pois “já estamos vivendo uma mudança de época e uma mudança de paradigmas. Uma nova civilização está surgindo, ela propõe desafios e, também, novos pontos de referência para a ação pastoral da Igreja”. O tempo se cumpriu, o Reino está próximo e um tempo de graça do Senhor nos espera (Mc 1,14; Lc 14,19)⁴. O paradigma espiritual de hoje está delimitado pelas coordenadas de uma globalização geográfica e cultural, e um novo sentido de comunhão e catolicidade. Caminho espiritual integral, guiado pelo Espírito de Deus que salva, e é dele o futuro. Por isso mesmo, a espiritualidade acontece na salvação que Deus opera hoje. Uma espiritualidade no mun-

1. “A vida consagrada e sua função na Igreja e no mundo”. Instrumentum Laboris. Vaticano 1994. Nº 103.
2. “A vida consagrada e sua função na Igreja e no mundo”. Instrumentum Laboris. Vaticano 1994. Nº 110.
3. “Dentro da globalização”. Documento da comissão teológica da União dos Superiores Gerais. “Vida Religiosa”. Março 2001/ Caderno 2/ vol. 90, pgs. 88-117.
4. “Plano Global do CELAM”, 1999-2003. Nº 12.

do de hoje, não fora dele, “não peço que os tiros do mundo”.

Assim, desenvolve-se o respeito e a tolerância pelo outro e o diferente, e, ao mesmo tempo, uma forte fidelidade, tal como viveu Jesus em seu caminho de subida a Jerusalém. Com convicções profundas, provenientes da harmonia entre fé e práxis, dentro de uma visão unificada e global do viver no mundo de hoje, segundo o Espírito, em fidelidade ao Evangelho. Abertura e apreço pelo outro, o diferente. Aprender a viver na interdependência, com seguranças de Deus e no modo de Deus. Com todos os homens e mulheres. Na pluralidade: chegar a coordenar a diversidade até formar um todo complexo, no esforço de

encontrar um significado comum que permita crescer juntos em direção a algo novo.

Este paradigma espiritual deve ter seu centro no Evangelho de Jesus *em nosso hoje*, suscitando em nós imaginação e projetos para sermos humanos e acreditar, a partir do modo de ser religioso, o que é uma opção de vida e uma identificação social.

A Vida Religiosa caminha dentro da humanidade e do povo de Deus, sua espiritualidade se alimenta desta terra e do peculiar seguimento de Jesus. Essa espiritualidade surge como dom do Espírito sobre a humanidade e a Igreja, por isso contém os sinais do tempo, e a luz da revelação acolhida e transformada em vida.

II. SINAIS DE ESPIRITUALIDADE

1. Comunidade fraterna e relacional

A fraternidade e o mundo de relações é um dos sinais do tempo, tem um sujeito coletivo em pequenos grupos ou minorias que vivem o caminho e a solidariedade em rede. É vista como prioritária, necessitada de relações amistosas, franqueza na ajuda mútua e partilha. A fraternidade é chave de identidade e de ação hoje em dia. O estilo de comunidade religiosa está em evolução em vista de assemelhar-se à família, com um sentido de pertença incluindo, ao mesmo tempo, a pluralidade, acolhida ao outro, comunhão no essencial e constante discernimento evangélico.

O comunitário afetivo dá lugar à espiritualidade de comunhão da fraterni-

dade religiosa, “sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de colocar em harmonia as diversidades”⁵. João Paulo II a descreve assim⁶:

“A espiritualidade de comunhão significa, antes de tudo, um olhar do coração para o mistério da Trindade que habita em nós, sua luz também deve ser reconhecida no rosto dos irmãos que estão ao nosso lado.

Capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico e, portanto, como ‘alguém que me pertence’, para saber partilhar suas alegrias e seus sofrimentos, para intuir seus desejos e responder as suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade.

5. *Vita Consecrata*, 51.

6. NMI 43.

Capacidade de descobrir, antes de tudo, o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como presente de Deus: 'Um dom para mim', além de ser um dom para o irmão que o recebeu diretamente.

É saber 'dar espaço' ao irmão, levando mutuamente a carga dos outros (cf. Gl 6,2), e resistindo às tentações egoístas que, continuamente, nos espreitam e geram competitividade, carreirismos, desconfiança e invejas. Espiritualidade de comunhão, princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão".

A comunidade percorre um caminho sinodal e espiritual que é de todos, como sujeito fraterno, no amor e interdependência, e, assim, dá o testemunho da vivência de Deus e da preocupação pelo mundo.

2. No cotidiano e na gratuidade

Em grande parte, a espiritualidade se desenvolve através do que se faz no dia a dia. Conduz à confiança em Deus, segundo Jeremias quando escreve aos deportados, convidando-os a: "Lutar pelo progresso da cidade para onde eu os exilei e rezem a Deus por ela, pois o progresso desse lugar será o progresso de vocês" (Jr 29,7). O estilo testemunhal a que está chamada a vida religiosa é tecido por uma vida simples, fraterna e cotidiana, no trabalho, no serviço humilde, no perdão, assumindo com amor as conseqüências do destino de Jesus na vida (Mt 17,22-20,16). Nos tempos atuais, ele está caracterizado pela luta e sofrimento pela sobrevivência, por permanecer na retidão e lealdade junto ao povo, participando de suas alegrias e vicissitudes.

Inclusive, a espiritualidade tem a dimensão de sabedoria centralizada em Deus, cujo modelo é Tobias, fiel a Deus e à Aliança, vivendo de seu trabalho, socorrendo os mais infelizes de seu povo, esperando confiantemente em Deus e bendizendo:

"Somos descendentes de um povo santo e esperamos a vida que Deus dá aos que perseveram em sua fé" (Tb 2,20).

Espiritualidade do cotidiano, vivida como libertação evangélica, na simplicidade da liberdade, na reconciliação e socorrendo o andrajoso, o sofrido, o excluído, sempre no horizonte e realização do Reino de Deus. Assim, no dia a dia, vida e libertação se articulam, a experiência simples e profunda do reinado de Deus se faz possível. Esse reinado de Deus é vivido na gratuidade, como sinal e parábola do espiritual, dom recebido de Deus e imprescindível para dar sentido e espírito à cotidianidade e à missão libertadora da vida religiosa. Nesses tempos, o caminho daquele que crê se caracteriza pela gratuidade, é um sinal espiritual da generosidade com que Deus ama e está presente no mundo. Por amor, "você foram salvos pela graça" (Ef 2,5).

3. Impregnado de humanismo

A pós-modernidade gira em torno do homem, como centro antropológico. Preocupação pelo pessoal e regional, pelos meios. Importância do corporal, afetivo, sexualidade, amor. Os sentimentos, o afetivo, o imediato dominam. Mesmo se fechando à transcendência e à gratuidade, esse humanismo é espaço revelador de Deus em encarnação e em seus desígnios de humanização para todos os po-

vos. Nesse humanismo acontece o projeto de Deus. Pela fé, encontramos, nele, a presença de Deus encarnado em todo o humano. É uma oportunidade de recriar o sentido da vivência espiritual e dos conselhos evangélicos. Por exemplo, a castidade é vivida num corpo, lugar de encontro e comunhão para todos; nele transparece a mesma experiência de Jesus: seu corpo foi acolhida, comunhão, fraternidade e salvação para todo homem e mulher que dele se aproximou. Em seu corpo, se concretizaram comunhão e experiência de Deus.

Assim, ao perceber a complexidade da identidade humana, como resultado de múltiplas relações e pertencas, onde crescem a coerência e harmonização da pessoa, decifra-se uma grande riqueza e abertura espiritual⁷. Pois a espiritualidade é o terreno da coerência e a coluna vertebral de nossas opções na medida em que une práxis e espírito. Portanto, e, também, o lugar onde se elabora o sentido da vida, contando com o ritmo de velocidade, complexidade, de provisório com que se desenvolve. Onde se encontra a resposta à sede de significados mais seguros e consistentes⁸.

4. A fé como itinerância

A experiência de fé do sujeito fundamenta toda espiritualidade, torna-a mais cordial, sensível e aberta ao mistério, ao mesmo tempo, se põe a caminho seguindo a promessa de uma palavra dada por Deus; aquele que crê se coloca em busca e diante do futuro. Trata-se de “empreender com decisão um itinerário de fé neste momento crucial da história. Encaminhar-se, com a força da promessa divina, em direção a um novo horizonte que o ser humano, a partir do mais profundo de seu ser, reconhece, finalmente, como sua verdadeira pátria”⁹. Jesus fundamenta o horizonte, a pátria e a intimidade de cada homem e mulher. Jesus, vida e esperança para todos os povos, caminho da plena realização pessoal e da mudança social¹⁰.

Itinerância de fé é peregrinação permanente, balizada pela conversão tanto das seguranças pessoais passadas como das fixações institucionais. O caminho daquele que acredita terá seu centro e garantia na fidelidade ao Evangelho e na comunhão eclesial, sabendo que viver segundo o Evangelho é uma tarefa sempre aberta na disponibilidade e coerência itinerantes¹¹. Por isso, necessitamos de uma fé convicta e de adesão a Jesus, a sua

7. “Dentro da globalização”. Documento da comissão teológica da União de Superiores Gerais, Nº 58;75. “*Vida Religiosa*”. Março 2001/ caderno 2/vol. 90, pgs. 88-117.
8. Tempo de sinais, tempos de refundar. Provocações para a Refundação da Vida Religiosa. “*Há uma esperança para o teu futuro*” (J.er 31,17). Texto de reflexão em preparação à XIX Assembléia Geral da CRB. Conferência dos Religiosos do Brasil, 9-13 de julho de 2001. São Paulo.
9. Carta de João Paulo II ao VI Congresso Missionário Latino-americano, Nº 4. *Ecclesia* Nº 2970, 6 de novembro de 1999, pg. 1696.
10. Declaração final do VI Congresso Missionário Latino-americano. *Ecclesia* Nº 2970, 6 de novembro de 1999, pgs. 1697-8.
11. Cf. Giuseppe Alberigo: “*O ministério petrino como serviço às Igrejas peregrinas*”, em *Concilium*, junho, 2001. Nº 291, pgs. 157-168.

pessoa, a seu estilo de vida, a sua práxis e a sua missão realizada com fidelidade nas coordenadas de hoje. Acreditar nele, saber que sua palavra realiza: "Tua fé te salvou" (Mc 5,34;10,52), "Tem fé em Deus" e acontecerá (Mc 11, 22-23) tudo aquilo que é objeto de fé, justiça, fraternidade. Uma comunidade com vida e esperança, fundamentada em Deus para o Reino e o projeto de Deus, na Igreja e na humanidade.

Jesus transmite fé e esperança: "Se podes?... Tudo é possível para quem crê!" (Mc 9, 23). Logo de início, transmite fé ao pai do menino: "Creio, ajuda a minha falta de fé" (Mc 9, 34)). A situação e a pessoa se transformam. A fé remove a montanha da oposição e do obstáculo (Mc 11, 23).

Por isso, antes mesmo da oração, existe a fé que dá consistência à oração e aos trabalhos, persistência na provação e enraiza convicções. A fé proporciona um humanismo firme, certeza e liberdade para caminhar na vida, em direção a uma vida religiosa simples, humilde, verdadeira, parábola e fermento social.

A fidelidade e a consistência de uma vida nasce da fé. Desperta esperança, comunica energia e união para realizar um projeto. A qualidade da comunidade, a missão e a contemplação dependem da fé teologal. Fé, riqueza de humanismo, fortaleza e alegria do testemunho, capacita para confirmar na fé os irmãos, os companheiros da caminhada.

Dessa experiência de fé, nasce a tarefa co-natural à vida religiosa de ser interlocutora e companheira dos homens e mulheres de hoje, sedentos de transcendência e de Deus. Partilhar com eles a

própria experiência de fé, enraizada no interior e na escuta da Palavra, em Jesus e no mistério da Trindade, plenitude de todo itinerário religioso¹².

5. Sempre com Jesus

Viver de Jesus, segundo o Evangelho, é a inspiração, a centralidade e o caminho de toda espiritualidade, "sem censura", como memória vivente de Jesus. Sem permitir limitar-se por ideologias espirituais, sempre restritivas e inibidoras. Essa memória é tecida pelo encontro vivo, experiencial e transformador com Jesus, na comunidade e no meio dos homens e mulheres. Com olhar e coração contemplativos para seguir com ele pelos caminhos do mundo.

Viver por Jesus, hoje, é fazer do Evangelho a norma de nosso sentir e de nossas ocupações, apropriar-se de seu humanismo recriando-o nas situações, imagens e culturas de hoje, deixar-se levar pelo Espírito que nos faz cidadãos e conduz, com segurança, pelas veredas do futuro. É ter os sentimentos e a práxis de Jesus. Contemplar seu rosto cheio de glória e humanidade. Fixarmo-nos no Servo solidário com os homens e pecadores, verdadeiro e leal, livre diante do poder, forte na solidão, ao mesmo tempo compreensivo e respeitoso em relação aos outros, animador e consolador, libertador e futuro. É ver Jesus feito solidariedade libertadora na práxis e no sangue derramado, em aliança com a humanidade inteira. Sentir seu amor apaixonado pelo Pai, Deus vivo, e sua entrega pela vida e libertação dos homens realizando o projeto de humanidade de Deus.

12. VC 103.

De modo especial, nos apropriamos de Jesus:

Colocando a vida no irrecuperável, no cego, no paralítico, no morto, isto é: nos marginalizados, perdidos, irrecuperáveis. Neles, ele vê o Pai que não quer que se perca nenhum desses pequenos.

Desenvolvendo a capacidade de reinterpretar tudo na perspectiva de Deus e da dignidade humana. O templo, lugar da glória de Deus onde se liberta e dignifica. Adorar a Deus em espírito e verdade, no amor e lealdade, além das realidades institucionais, para descobrir o sinal que encerram e são. E, ali, adorar a Deus, ser livres (Jo 2,4).

Gerando vida. O pão partilhado, para todos. A liberdade para o abatido, a luz para o cego, a comunhão para o leproso, a vida para os mortos e excluídos. A vida como salvação para todos, solidariedade do amor, intercessão feita oração e entrega, comunicar a vida em plenitude, que todos sejam um e participantes do amor com o Pai (Jo 5; 6; 9; 11; 17).

Nossa espiritualidade é a mesma de Jesus, com o sentido e a experiência do Pai e de seu projeto, experiência de fé e teologal, exigida pela nova situação. Gerar novidade espiritual de fé que contagia e suscita crença, amor, entrega, aspiração.

6. Amor à solidariedade libertadora. Opção pelos pobres

Esse é o núcleo da espiritualidade que, por ela mesma, se faz missionária. A missão pela vida do mundo brota do coração de Deus, a mística forte em que Jesus se entrega para completar a obra que o Pai lhe havia encomendado (Jo

4,34). Converte-se em compromisso quando o direito e a vida se vinculam a pessoas concretas, quando são necessárias a defesa e a promoção. Nossa missão se inspira na missão de Deus, é a mesma de Jesus, nos leva a estar presentes no mundo com valores de humanidade a serviço de todos, sem distinção, com uma espiritualidade da vida, justiça, paz e solidariedade pela criação. Sentimo-nos cidadãos do mundo e do Reino de Deus¹³.

Na missão, nos entregamos com aquela mística que dá sentido a nosso viver e agir. Nela se encontram a comunhão, a pluralidade cada vez mais própria de nossa vida. Fazer com que chegue à plenitude o que há na pessoa, grão de mostarda que transforma tudo em humanidade e vida de Deus.

É paixão pelo mundo, a de Deus Pai, cheia de ternura por seus filhos, que em nós se transforma, ao mesmo tempo e indissolivelmente, em paixão por Deus. Aqui se articula uma vida e uma missão espiritual como a de Jesus. Uma vida fundamentada pelo próprio Deus, de onde nasce a experiência fundante que permite caminhar e enfrentar os golpes, enfocar adequadamente as questões vitais. “Avançar mar a dentro” das pessoas e de nossa sociedade a convite do Senhor (Lc 5,4). Ali, partilhar a Boa Notícia de graça e libertação para o pobres (Lc 4,18).

A missão gera *espiritualidade a partir do sofrimento dos outros*. Assim como Jesus se deixou comover profundamente pela dor de sua gente, “tenho compaixão desse povo”. O sofrimento é uma dimensão básica e primordial de solidariedade social e redentora. O sofrimento e a misericórdia nos unem e nos igualam.

13. “Dentro da Globalização”. Documento da comissão teológica da União de Superiores Gerais, Nº 53. *Vida Religiosa*. Março 2001/caderno 2/vol.90, pgs. 88-117.

Espiritualidade nas feridas. O olhar por Deus passa pelas feridas do Crucificado, presentes no Ressuscitado. "Olhem minhas mãos e meus pés" (Lc 24,39). Nas feridas cicatrizadas está a redenção. Deus é um Deus dos vivos, de todos os viventes da história. "O olhar até Deus se abre somente ali onde não se fecham as feridas". É um caminho de sensibilização permanente no "cuidado com as feridas abertas da história, com os rasgões incuráveis". Sem acostumar-se a isso, pois a história e a comunicação produzem amnésia cultural, falsa cura através do esquecimento¹⁴. O tratamento das feridas, da dor e exclusão nos humaniza, nos proporciona o sentir de Deus e, por isso mesmo, sua própria experiência manifestada em Jesus. Assim, a missão é fonte de espiritualidade no que há de primordial na dor. Jesus sentindo a dor do povo e amando com um compromisso libertador e consolador.

Espiritualidade da "prática de um amor ativo e concreto com cada ser humano". A contemplação de Jesus nos leva a descobri-lo, sobretudo, no rosto daqueles com quem ele mesmo quis se identificar: "Tive fome e me destes de comer" (Mt 25, 35-36). Essas palavras de Jesus convidam ao amor teologal e iluminam o Mistério de Cristo. Verificam a fidelidade da Igreja como Esposa de Cristo. Na pessoa dos pobres há uma presença especial de Jesus, que exige da Igreja uma opção preferencial por eles. Mediante esta opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, sua providência, sua misericórdia e, de algum modo, espalham-se, ainda na his-

tória, aquelas sementes do Reino de Deus que Jesus deixou em sua vida terrestre, atendendo a todos os que recorriam a ele para todo tipo de necessidades espirituais e materiais¹⁵. A espiritualidade é prática do amor no estilo de Deus, se faz opção pelos pobres, amor e serviço, cooperação e saúde, reconciliação e consolação.

Finalmente, da missão brota, com naturalidade, o amor para com todos, a *intercessão por todos* unida à compaixão por aqueles que se ama ou se sente sofrer. Súplica que brota da confiança no Pai com Jesus, rezando com ele e como ele, ou na intimidade, ou na entrega da Ceia, ou da Cruz. Sempre oração solidária e redentora. "Pai, rogo por eles" (Jo 17).

A espiritualidade e a missão se integram mutuamente com a mesma unidade existente em Jesus, "consagrado e enviado pelo Pai ao mundo" (Jo 10, 36). A espiritualidade se nutre das veias da missão, algumas vezes abertas e rompidas, outras, cheias de alegria pelo anúncio do projeto de Deus, ou pelo amor encontrado e confirmado em homens e mulheres.

7. A persistência do tronco. A espera de um novo vigor.

Uma árvore podada, à espera de novas folhas verdes, cheia de vida, com velhas e firmes raízes, é a imagem que acompanha a espiritualidade e a situação da vida religiosa, hoje. A imagem é polivalente. Em alguns religiosos, mostra sinais de cansaço e desorientação, em outros, impulso e vitalidade nova, sempre entendida no contexto de novidade e itinerância na sociedade e na Igreja.

14. J.B.Metz, "Como hablar de Dios en un mundo secularizado", em *Vida Religiosa*, maio/2001/caderno 3/vol.90, pgs. 20-29.

15. NMI 49,50.

É o momento de “provação e tribulação” da vida religiosa, o mesmo momento que atinge a Igreja. Tudo isso não é sinal de infidelidade, mas, certamente, é um apelo a permanecer na fidelidade.

É tempo de permanecer na humildade e pequenez, apoiando-se na promessa: “Em teu meio, deixarei apenas um povo sofrido e fraco” (Sof 3,12). Compreender-se, realmente, como um povo “humilde e fraco”, provado pela situação e até pelo desgaste e desamor, mas, “se sobrar apenas uma décima parte, se, mais uma vez, for cortado como o carvalho que, depois de derrubado, só deixa o toco, esse toco ainda será uma semente sagrada” (Is 6,13).

Em muitos religiosos, essa debilidade é feita de sofrimento e fidelidade silenciosa, invisível e até interpretada por outros como infidelidade e fracasso. Somente Deus sabe o quanto de amor fiel, pascal, está contido nesta permanência sofrida e muda, no dia a dia, à espera do reverdecer do toco¹⁶.

Espiritualidade da “*purificação da memória*”, que, olhando para Jesus crucificado, reconhece o próprio pecado e o da instituição. Ao mesmo tempo, a recriação da memória espiritual e histórica “reforça nossos passos no caminho em direção ao futuro, tornando-nos, ao mesmo tempo, humildes e atentos a nossa adesão ao Evangelho”¹⁷.

Trata-se de saber ler a realidade, a presença do Senhor, em humilde fidelidade como Igreja, vivendo o mistério da Esposa Fiel, participante do aniquilamento de Jesus. Entreabrir as portas, vislumbrar à distância, não agora (Nm 24,17),

permanecer e ser fiéis. O mesmo Senhor nos convida a perceber o novo, e fazermos o caminho que ele mesmo está fazendo (Is 43,28-30).

Espiritualidade do “toco” que dá consistência humilde e confiante à Vida Religiosa. O toco tem vida, força, seiva na raiz, mantém a esperança no que vem. Tem raiz e sonho. Significa a sobrevivência do povo, resistência. É gratuidade, permanece, vive, espera. Entrega-se com a generosidade do Senhor Messias (2Cor 8,8-9). Convida à fé e esperança com certeza radical e provada, mergulhada em todos os modos de passar do tempo, com capacidade de reverter estatísticas ou modismos que parecessem irreversíveis. Isso lhe dá, ao mesmo tempo, um sentimento de fé e criativo, crítico e de discernimento frente às situações, tendências ideológicas e fenômenos religiosos. Saber ser toco à espera dos rebentos de folhas verdes, resistindo e bem enraizado, como aquela primeira comunidade, reunida com Maria, a Mãe, à espera da promessa do Espírito, que fez nascer a Igreja e a missão (At 1-2).

Espiritualidade do caminho de Emaús, com a alegria do encontro e a fortaleza do testemunho proclamando, com vida, que o libertador está vivo e que estamos convidados, como comunidade, a realizar seu projeto de libertação. Comunidade chamada a “refundar” a mesma Vida Religiosa como desejo do Espírito, que nos impulsiona a ser “memória viva do modo de existir e agir de Jesus como Verbo encarnado diante do Pai e dos irmãos”¹⁸.

16. Enzo Bianchi, “Os dons do monacato à Igreja”, em *Vida Religiosa*, Janeiro 2001/ caderno 1/vol. 90, 51-64.

17. NMI 6.

18. VC, 22.

Espiritualidade de futuro e esperança, conhecedora da vontade de fé de nossos povos que, no meio de tantas dificuldades, conseguem espaço para a festa como tempo de esperança¹⁹.

9. Pentecostes humilde e forte

A situação atual, sobretudo na juventude, dá prioridade à comunhão ampla e respeitosa, ao novo, à afirmação de novas oportunidades de realização. É momento propício para um novo Pentecostes. "Também nos dá força o Espírito que Cristo derramou sem medida. O Espírito é o segredo da Igreja de hoje como foi para a Igreja da primeira hora"²⁰. Essa certeza é partilhada pela Vida Religiosa em nível mundial. "Percebe-se um novo Pentecostes. Sabemos que Deus nos surpreenderá, como em tantos momentos de nossa história. Por isso mesmo, essa fé nos compromete na globalização da esperança"²¹. O Espírito nos abrirá caminhos para novas formas de espiritualidade, e novos modelos de vida, na pluralidade, para que sejam plenas a verdade e a vida de semente evangélica. O Espírito nos abre a uma espiritualidade global configurada pela *passio mundi*²², e promove uma caminhada conjunta, em pequenos grupos, entrelaçados pela empatia e comunhão. "Sinodalidade: caminho de espiritualidade. Caminho espiritual: escutar-se, confrontar-se, buscar caminhos

juntos. Sinais dignos de fé do Amor de Deus para com todo homem e mulher"²³.

A espiritualidade deverá ser vivida como fermento, em pequenos grupos, gratuitos, confiantes. Apoiando-se em rede. Pessoas de fé humildes, que falam através de sua presença e de sua vida. Abertas, com olhar universal, pensando no outro, motivadas pela paixão pelo mundo. A partir disso temos nova aprendizagem de Deus. Aprendizagem, pelo Espírito, do que Deus faz hoje, sempre surpreendente e pleno. Diríamos, a espiritualidade dos pobres de Javé, em que se sobressai Maria, por sua fé e abertura constante às novidades de Deus em Jesus e no seu povo.

A caminho

Estamos chamados a recriar a espiritualidade, fiéis à novidade criada pelo Espírito Santo. É óbvio que, ao nos aproximar da espiritualidade de hoje, existe como pano de fundo o que é constitutivo da espiritualidade de sempre: a santidade, os sacramentos, a escuta da Palavra, a oração e a primazia da graça no seguimento de Jesus, e o deixar-se levar pelo Espírito²⁴. Mesmo assim, devem estar presentes, na recriação espiritual, o espírito e a sabedoria dos pobres, das culturas, das mulheres e o feminino, e do meio ambiente ecológico, imprescindível para esta casa de Deus e da humanidade.

19. Gustavo Gutiérrez.

20. João Paulo II, Homília, encerramento do Consistório, Nº 5, 24/5/2001.

21. "Dentro da globalização". Documento da comissão teológica da União dos Superiores Gerais, Nº 4, 37. *Vida Religiosa*. Março 2001/caderno 2/vol.90 pgs. 88-117.

22. "Dentro da globalização". Documento da comissão teológica da União dos Superiores Gerais. Nº 34; 72. *Vida Religiosa*. Março 2001/caderno 2/vol. 90, pgs 88-117.

23. João Paulo II, Homília, encerramento do Consistório. Nº 3, 23/05/2001.

24. NMI, 29-41.

A humanidade de Deus está em nós mesmos, e nossa humanidade se plenifica de Deus através de um amor e configuração apaixonados por Jesus. Nova espiritualidade, mais global, respeitosa e integradora de diversos valores e tendências, que exige uma clara identificação evangélica, fé, convicções fortes, encarnação, humanismos; que, além disso, integre por meio da fé, esse humanismo encarnado, compassivo, globalizado; que

inclua transcendência, gratuidade e contemplação adoradora. Quer dizer, uma visão global da espiritualidade e da vida consagrada.

Uma espiritualidade assim é um “tempo de Deus” para viver a vulnerabilidade e a impotência, a esperança e a utopia. É uma fé global, que conduz à contemplação adoradora de Jesus, servidor, caminhante conosco, resplendor da beleza do Pai, amor que o Espírito Santo nos dá.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

1. Qual é nossa situação social e religiosa como cidadãos e cidadãs de fé na América Latina e Caribe, e mais concretamente no Brasil?
2. Procure descrever e comentar os traços de uma espiritualidade de itinerância mais importantes no contexto da sua comunidade.
3. Que rosto ou imagem de Deus estamos chamados a manifestar aqueles e aquelas que mais sofrem na nossa sociedade?



SANTIAGO RAMIREZ -

Teólogo equatoriano. Superior Provincial dos Franciscanos naquele País.

O Dinamismo da Missão e a

Experiência de Jesus em Lc 4

TOMAZ HUGHES, SVD

Para que entendamos bem a obra dupla de Lucas (Evangelho/Atos), é mister que tenhamos em conta o esquema teológico-geográfico que ele usa. A caminhada da Palavra começa quando Jesus de Nazaré, impulsionado pelo Espírito Santo, inicia a sua missão, caminhando com uma proposta sócio-religiosa alternativa, desde a periferia do judaísmo (Nazaré) até o seu centro (Jerusalém), onde as forças reacionárias do centro tentarão matar o seu projeto, assassinando Jesus na cruz. Mas o Espírito é mais forte do que a morte, e ressuscita Jesus – e o seu projeto. Ele ordena aos seus discípulos que não saiam da cidade até que sejam revestidos com a força do alto. Então, o Espírito é derramado sobre os discípulos, a caminhada da Palavra continua, agora desde a periferia do Império (Jerusalém) até o centro do mundo, na visão de então (Roma). Quando Paulo, com a força do Espírito, chega a Roma, consegue a prisão domiciliar e prega o Evangelho a judeus e gentios (At 28,15-31), Lucas termina a sua obra.

O “terceiro volume” da Caminhada da Palavra está sendo escrito ainda – não por Lucas, mas por nós! A Palavra não

pode ficar somente no centro do mundo – tem que chegar até os seus confins... e todos nós, leigos, religiosos e sacerdotes estamos colaborando com esta missão.

Porém seria ingênuo esperar que em quase dois mil anos de caminhada, não houvesse desvios e erros. A Vida Religiosa, no limiar do Novo Milênio, está ciente disso. Como resultado, nós nos empenhamos em aprofundar o tema da “Re-fundação da Vida Religiosa”, usemos estes exatos termos ou outros. Apesar de certas resistências, fica cada vez mais claro que o Espírito nos chama atualmente a uma profunda revisão dos nossas compromissos, opções, métodos e espiritualidade, na busca de sermos cada vez mais fiéis ao fundamento da nossa existência como religiosos, que é o próprio Jesus e a sua missão. Nisso, somos semelhantes ao próprio Jesus, que teve que sempre discernir os caminhos para vivenciar a vontade do Pai. A partir do Capítulo 4 de Lucas, acredito que possamos descobrir elementos na caminhada de Jesus na busca de fidelidade, que poderão nos ajudar enquanto seguimos o nosso caminho neste momento histórico da Vida Religiosa no Brasil.

Logo antes do início do Capítulo 4, separado pela genealogia lucana de Jesus, encontramos o relato do Batismo de Jesus. O batismo significava para ele o assumir público da sua missão como o Servo de Javé. A voz vinda do céu o confirma na sua opção:

“Tu és o meu Filho amado! Em ti encontro o meu agrado” (Lc 3,22).

Essa confirmação da missão de Jesus é enfatizada por Lucas, que faz com que a voz fala a Jesus (Tu és o meu Filho...) e não aos outros, como em Ma-

teus (Esse é o meu Filho...). Jesus faz a sua opção de vida, mas ainda resta discernir como colocá-la em prática, explicitar o seu sentido e partir para a sua concretização. Esses elementos são desenvolvidos no quarto capítulo e encontram o seu paralelo na Vida Religiosa nossa – nós fizemos já a nossa opção e compromisso, mas precisamos discernir como concretizá-los no momento histórico atual, traçar pistas concretas de ação e assumir as suas conseqüências.

AS TENTAÇÕES: A MISSÃO DISCERNIDA

Os três Sinóticos contam a história das tentações de Jesus, logo depois do Batismo – Marcos numa forma resumida, Mateus e Lucas numa maneira mais elaborada. Devemos lembrar que estes relatos procuram expressar uma experiência mística de Jesus, e não devem ser interpretadas ao pé da letra, numa maneira fundamentalista. Ligando as tentações ao batismo de Jesus, os evangelistas frisam que a sua experiência é como a nossa própria. Nós também temos compromisso com o projeto de Deus, individual e comunitariamente, mas entre o nosso compromisso e a sua concretização numa maneira coerente com o seguimento de Jesus, existem muitas tentações, que exigem discernimento!

O texto diz que Jesus estava “repleto do Espírito Santo” (v.1), uma frase somente usada em outras três ocasiões no Novo Testamento – para Estevão (At 6,5 e 7,55) e Barnabé (At 11,24). Também sublinha que Jesus era “conduzido pelo Espírito através do deserto” (v.1). O Espírito não con-

duz Jesus à tentação, mas o acompanha nas tentações. E como o Espírito Santo não abandonou Jesus no momento de crise, mas lhe dava força, tampouco vai abandonar a Vida Religiosa neste momento atual de crise e discernimento.

O local das tentações era o deserto (v. 10). Embora seja mais Mateus que evoca a experiência de Israel no relato das tentações, (pois para ele Jesus era o Novo Moisés e a Igreja o Novo Povo de Deus), podemos lembrar que no deserto o povo foi tentado e sucumbiu, Moisés foi tentado e caiu – mas Jesus é tentado e vence!

Lucas troca a ordem das tentações, para que a culminante seja situada em Jerusalém, pois para ele é em Jerusalém que acontecem as investidas maiores do diabo – lá Judas é vencido por ele (22,3), lá os poderes do mal estão trabalhando (22,53), lá Satanás vai fazer o seu último ataque, na paixão e Cruz.

Se olharmos bem as três tentações, poderemos encontrar neles as três gran-

des tentações da época pós-moderna, também para a Vida Religiosa: as tentações do "Ter", do "Poder" e do "Prazer". E as tentações de Jesus não são para coisas que são más em si, mas que causariam desvios do plano do Pai. Não é diferente com a Vida Religiosa hoje – raramente somos tentados a assumir algo mau em si, mas sim a fazer opções para coisas boas, mas que seriam incoerentes com o projeto de Deus para nós!

Primeiro, Jesus é tentado a mandar que uma pedra se tornasse pão. Jesus veio para doar-se como o Servo de Javé – mas logo, no momento do primeiro sacrifício por causa da sua opção, ele é tentado a esquivar-se! É a tentação do "prazer" hoje – entre as mais comuns, num mundo que prega a satisfação imediata dos desejos, numa sociedade que cria necessidades falsas através de sofisticadas campanhas de propaganda. Estamos numa sociedade de individualismo, onde a regra dominante é "se deseja, faça"! Uma sociedade onde o sacrifício, a doação e a solidariedade são considerados como a ladainha dos perdedores! E a resposta de Jesus é contundente: "*Não só de pão vive o homem*" (v. 4).

Jesus enfrenta esta tentação – e as outras – com citações tiradas de Dt 6-8, que versam sobre a primazia da Palavra de Deus como a nutrição do seu povo na caminhada. Jesus aqui dá o verdadeiro sentido do seu jejum – Deus é o único sustento da verdadeira vida. Jesus, possuído pelo Espírito de Deus, confia no seu Deus para sustentá-lo. A obediência de Jesus como Filho e Servo (cf. Hb 5,7-8), simbolizada pelo jejum, é agora verbalizada. Jesus confia que o seu Pai vai sustentá-lo em todos os seus sofrimentos e tribulações, provenientes duma vida coe-

rente com a sua vocação. Uma bela lição para nós, nestes momentos difíceis da nossa caminhada como Vida Religiosa!

A pessoa humana, para Jesus, vive certamente de pão – mas *não só!* Jesus não é nem sádico nem masoquista, contra o necessário para uma vida digna. Mas salienta muito bem que não é somente a posse de bens (simbolizados pelo pão) que traz a felicidade, mas a busca de valores mais profundas, como a fidelidade à vontade de Deus, a justiça, a partilha, a doação, a solidariedade com os sofredores. Não faz nenhum contraste falso entre bens materiais e espirituais – precisamos de ambos para que se tenha a vida plena! Com esta frase, Jesus desautoriza tanto os que buscam a sua felicidade e a solução dos problemas do mundo na simples satisfação das necessidades materiais, como os que dispensam a luta pelo pão de cada dia para todos – duas tendências não ausentes na Vida Religiosa atual.

A segunda tentação pode ser vista como a do "ter". Não que o dinheiro seja algo ruim – sem ele não se vive! Se torna um mal quando chega a ser um ídolo – a fonte de nossa auto-suficiência! É ruim quando se fundamenta as nossas vidas sobre ele. Jesus não é tentado a ser um rico – mas é tentado no sentido de fugir da sua vocação de ser o messias dos pobres, tão esperado pelos "anawim" e profetizado por Segundo-Isaías, Zacarias e Sofonias. É tentado a acreditar mais no poder da riqueza do que na pobreza dos seus futuros discípulos de Galiléia.

De novo, algo muito semelhante com a nossa situação atual. Nós temos que viver o nosso compromisso no mundo pós-moderno da globalização do mercado, do neoliberalismo, do "evangelho" do mercado livre. Diariamente, os meios da

comunicação de massa trazem para dentro das nossas casas – inclusive casas religiosas – a mensagem de que é necessário “ter mais”, e não importa “ser mais”! E como sempre, a tentação vem de forma atraente – até a Igreja pode cair na tentação de achar que a simples posse de bens, que poderão ser usados em favor da missão, garantirá uma ação mais evangélica. Somos tentados a não acreditar na força dos pobres, de não seguir as pegadas do carpinteiro de Nazaré. Quantas vezes nós somos tentados a confiar no poderio do dinheiro, como se a compra de instrumentos e aparelhos cada vez mais sofisticados garantisse a evangelização. É certo que devemos utilizar o que a ciência moderna nos fornece, mas sem confiar nisso como o fundamento da nossa missão. Jesus enfrentou essa mesma tentação – ele que veio para ser pobre com os pobres, para manifestar o Deus que opta preferencialmente por eles, é tentado a confiar nas riquezas. Para o diabo – e para o nosso mundo que idolatra o bem-estar material e o lucro, mesmo às custas da justiça social – Jesus afirma: *“Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá”* (v. 8).

A terceira tentação é de confiar no poder (exousia). A tentação do poder é tremendamente insidiosa em nós, nas Igrejas e na Vida Religiosa. Há mais de um século, um historiador católico inglês, Lord Acton, advertiu que *“todo o poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente!”* “Jesus veio como Servo, assumiu a missão do Servo de Javê, mas é tentado a confiar mais no poder, no extraordinário, e não no Deus Libertador e nos pobres. Quantas vezes a Igreja confiava mais no poder secular do que na fragilidade da Cruz, para “evan-

gelizar”! Quanta aliança entre a cruz e a espada – a América Latina que o diga! E continua corrente esta tentação – de confiar mais nas concentrações nos estádios cheios; com “milagres” e “prodígios”, do que nos grupos pequenos e humildes das comunidades cristãs, dirigidas pelos pobres, espalhadas pelo Brasil afora! Somos todos capazes de cair nesta tentação – não de ter poder para servir, mas de confiar no poder deste mundo, aparentemente mais forte e eficaz do que a fraqueza de Deus, assim contradizendo o que Paulo afirmava com força: *“A fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”* (1Cor 1,25), e ainda: *“Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte”* (1Cor 1,27).

Jesus, que veio para servir e não para ser servido, que veio como o Servo Sofredor e não como dominador, teve que clarificar a sua vocação e despachar o diabo, o tentador, com a frase: *“Não tentarás o Senhor seu Deus!”* (v. 12).

Realmente, podemos nos encontrar nas tentações de Jesus. O “ter”, o “poder” e o “prazer” são coisas boas, quando utilizados conforme a vontade de Deus, mas altamente destrutivas quando tomam o lugar de Deus em nossas vidas! Jesus teve que enfrentar o que nós hoje enfrentamos – o “diabo” que está dentro de nós, o tentador que procura nos desviar da nossa vocação de discípulos. E o trecho de Lucas 4 nos coloca diante da orientação básica para quem quer ser fiel a sua vocação: *“Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá”* (v.8).

O texto nos ensina que Jesus, Filho e Servo, vencerá a hostilidade à sua missão pela sua fé obediente, e libertará as pessoas dominadas pela força do mal. Mas

a tentação não era dum momento só - voltará mais vezes na vida de Jesus, como nas nossas. Aparecerá de novo no caminho de Cesaréia de Filipe, no Horto das Oliveiras e especialmente na Paixão - a suprema investida do diabo!

Diante das várias opções disponíveis, diante dos diversos modelos de messianismo, Jesus teve que discernir a vontade do Pai. É o desafio da Vida Religiosa do fim do Milênio, no processo de refundação.

A MISSÃO EXPLICITADA

"Jesus voltou para a Galiléia, com a força do Espírito" (v.14).

A proclamação em palavra e ação do Reino de Deus nasce do Espírito. Jesus vai à sua cidade natal para explicitar a sua missão. Em nossos termos de hoje, ele vai ao local da reunião da comunidade (sinagoga) para participar do culto semanal. E convidado a fazer a segunda leitura. O culto de então consistia do canto dum salmo, a recitação do Shema Israel e as Dezoito Bênçãos, uma primeira leitura da Torá e uma segunda dos Profetas, uma homilia sobre as leituras, a bênção do presidente da assembleia e a bênção sacerdotal de Nm 6,24-27. Segundo muitas autoridades, a primeira leitura era prescrita, a segunda à escolha do leitor. Qualquer judeu adulto (masculino) podia tomar a palavra, mas as autoridades sinagogais habitualmente confiavam esta incumbência aos que eram considerados versados nas escrituras (cf. At 13,15).

Assim, Jesus encontrou a passagem de Segundo-Isaías, porque a procurou, não duma maneira aleatória. A citação não é exatamente como está no Antigo Testamento. É uma combinação de Is 61,1-2, e 58,6. Lucas omite 61,1c ("*sarar os contritos do coração*") e 61,2b-3a ("*o dia de vingança, para consolar os que choraram, dar aos de Sião que choram glória*

em lugar de cinzas"), para evitar uma interpretação que pudesse espiritualizar o texto ou focalizar o "verdadeiro Israel", assim facilitando uma visão etnocêntrica. Adiciona Is 58,6 que vem dum trecho que descreve o verdadeiro jejum desejado por Javé e se refere à libertação dos que são oprimidos por dívidas. Os pobres são os economicamente pobres. "*Para despedir os oprimidos em liberdade*" se refere aos que estão presos por dívidas (cf. Lc 6,35.37; Nm 5, 1-5). Aqui há a lembrança do Ano Jubilar. Atrás desta citação está a convicção que as estruturas da vida social e econômica devem refletir o Reino de Deus.

A palavra que Lucas usa para "libertar" é "aphesis" em grego, que também é usada no contexto do "jubileu" (cf. Lv 25,10 no L XX; Dt 15,1-11 onde o ano sabático é descrito como "aphesis"). Então este aspecto sócio-econômico está muito presente, mas em Lucas o termo também é usado para "perdão" dos pecados p. ex. Lc 24,47. Assim, Lucas lembra que Jesus veio nos libertar das raízes do mal que se expressam em estruturas sociais e econômicas injustas.

Nós, religiosos, como discípulos de Jesus e continuadores da sua missão no mundo atual, temos aqui os elementos essenciais para a vivência da nossa vocação. Olhemos esses elementos:

a. **"Anunciar a Boa-Notícia aos Pobres":**

O Evangelho é "Boa Notícia" – não uma série de leis, nem uma lista de práticas rituais, nem uma moral, (embora inclua também estes elementos), mas uma experiência de Deus que traz alegria, felicidade para os pobres! Portanto, o evangelho toma posição. O que é boa notícia para alguns, é má notícia para outros! O que é boa-notícia para o oprimido é má notícia para o opressor! O que é boa-notícia para os sem-terra, é má-notícia para os latifundiários! Não existe uma Boa-Notícia neutra, igualmente boa para todos! E Lucas não nos dá espaço para diluirmos o termo "pobre". Não é aqui o pobre em espírito, nem de coração, nem de fé... É o pobre mesmo, aquele que não tem o necessário para uma vida digna. A Vida Religiosa só terá sentido na medida que se tome um sinal desta boa-notícia para os pobres, tomando atitudes proféticas reais e eficazes para que as estruturas injustas, da sociedade e da própria Igreja, sejam revistas e mudadas!

b. **"Proclamar a Libertação aos Presos":**

Não somente aos presos da cadeia, mas aos que estão sem a liberdade dos filhos de Deus: presos pelas conseqüências nefastas do neo-liberalismo, do desemprego estrutural, do salário mínimo; presos pelas correntes de racismo, machismo, clericalismo, e todos os "ismos" que oprimem! Também os presos pelo próprio egoísmo, pois o assumir dos valores evangélicos liberta, através duma mudança radical na nossa visão e maneira de viver. Nós somos convidados a rever se nós não estamos presos por estruturas arcaicas e irrelevantes, que impedem

que sejamos realmente instrumentos libertadores dos oprimidos que nos cercam.

c. **"Aos Cegos a Recuperação da Vista"**

Quanta gente cega hoje! Não só por problemas de vista, mas cegas pela ideologia hegemônica que não deixa ver a realidade do mundo e dos pobres; pelas falsas utopias da televisão, que cria um mundo de fantasia, totalmente alienante; cegadas pela manipulação de informação pelos Meios de Comunicação, controlados pelas elites, e seus arautos de consumismo, que "fazem a cabeça" do povo – e também de muitos religiosos, que carecem dum senso crítico mais agudo. Quantos cegos diante da possibilidade de mudança através da força histórica dos pobres e oprimidos! Como pode a Vida Religiosa ser fiel ao seguimento de Jesus sem que assuma esta tarefa de "abrir os olhos" – primeiro os seus próprios, para não sermos "guias cegos", pois, como Jesus nos lembra, "como pode um cego guiar um outro?"

d. **"Libertar os Oprimidos"**

Essa frase evoca o eixo fundamental da Bíblia – o Êxodo, como processo permanente de libertação. No livro do Êxodo, Deus se identificou como o Deus que liberta os oprimidos (Ex 3,7-10). E Jesus se coloca – e coloca todos os seus seguidores – neste mesmo compromisso. Hoje a época é diferente, mas a opressão continua, e Deus nos conclama para que todos nós nos empenhemos nesta luta permanente para concretizar a libertação dos oprimidos.

e. **"Proclamar o Ano de graça do Senhor"**

O Ano de Graça – o Ano Jubilar! Memória da proposta de Levítico 25 – o ano

do perdão das dívidas, da libertação dos escravos, da devolução das terras aos seus donos originais! Depois da celebração do Mistério de Jesus Cristo, na ocasião do Jubileu do Ano 2000, devemos nos perguntar se o Ano 2000 realmente se tomou um Ano Jubilar – um ano de alegria e graça, especialmente para o povo pobre e oprimido! Como concretizar, na realidade do Brasil de hoje, esta visão? Pois júbilo, alegria, não podem ser decretados – têm que brotar de algum motivo profundo. Para que haja um jubileu, algo tem que mudar, na sociedade, e em nós! Se o ano 2001 for igual a antes – então terá fracassado o jubileu, apesar de tantas peregrinações a Roma! Como poderá a Vida Religiosa responder a este convite de fazer acontecer um jubileu real para os marginalizados?

Jesus deixa os seus ouvintes atônitos com a afirmação que *“hoje acontece a realização dessa passagem”*. *“Hoje”* é um termo importante em Lucas. Usa sete vezes. Se refere ao *“hoje”* do tempo de salvação em Jesus, mas também Jesus quer dizer que na sua pessoa se realiza o projeto do Servo de Javé de Dêutero-Isaías. Mostra a sua auto-compreensão. Descreve a sua missão, que também se torna a missão dos seus seguidores – e portanto, a nossa. Essa libertação é projeto para *“hoje”*, não para o além, mesmo que somente lá venha a acontecer a sua plena realização.

Para nós, continua o desafio de explicitar o que significa para nós, no lugar onde nos acharmos, *“pregar a Boa Notícia aos pobres”, “libertar os presos”, “recuperar a vista dos cegos”, “libertar os oprimidos”* e *“pregar o ano da graça do Senhor”*. Mas podemos enfrentar o desafio com coragem, pois, como Jesus,

todos nós fomos *“consagrados com a unção”*, para esta missão.

É importante que tenhamos consciência dessa presença do Espírito, que nos dá força, pois o texto de Lucas nos mostra as reações diante da explicitação da missão de Jesus (vv.22-30). A reação dos vizinhos de Nazaré muda rapidamente – do encanto diante das suas palavras, à raiva deles quando ele desafia a sua visão etnocêntrica e estreita. Essa reação – mais chocante ainda na versão de Marcos (Mc 6,1-6) – encontra eco nas comunidades de hoje. É o pobre que não acredita no pobre! Jesus é rejeitado por ser filho de José, um simples carpinteiro do interior, que ousa assumir uma liderança e questionar o status quo! Quantas vezes hoje acontece que, em lugar de incentivar as nossas lideranças que nascem das bases, os próprios companheiros e colegas de comunidade os rejeitam e desprezam, por não serem *“doutores”*, por não saberem *“falar bonito”*, como sabem muito bem os nossos exploradores! Parece que às vezes há gente que sente prazer em destruir as nossas lideranças – até na Vida Religiosa! Mas as coisas vão mudar quando o pobre começar a acreditar no pobre e no Deus dos pobres!

Jesus nos dá o exemplo de como enfrentar tais problemas práticos – Ele *“continuou o seu caminho”* (4,20). É isso mesmo – apesar das críticas, das gozações, o cristão e o religioso tem que *“continuar o seu caminho”*. Jesus sofreu com isso, mas não se abalou, pois a sua convicção não se baseava na opinião e aceitação dos outros, mas na oração, na interiorização da Palavra. Oxalá todos nós crescamos neste sentido, seguindo o exemplo do Mestre!

Em Lucas 4,31-44, Jesus desce a Cafarnaum. Ficou ali ensinando, curando e expulsando os espíritos malignos. O povo insistia para ele não se retirar, mas ele não deixou que ninguém, nem o êxito aparente em Cafarnaum, o desviasse da sua missão de "anunciar a mais cidades a Boa Nova do Reino de Deus" (vv.43).

Este trecho nos dá um resumo poderoso do ministério de Jesus, que consistiu em assumir o projeto do Pai, apesar das tentações e dificuldades. Sua pregação envolve cumprir as promessas de Deus (vv. 16-30), restaurar homens e mulheres à saúde, e expulsar espíritos malignos.

No primeiro relato (vv. 31-38) se frisa que Jesus tem autoridade. Lucas e a sua tradição não descrevem Jesus sem enfatizar que nele Deus está libertando toda a criação das forças malignas que a estrangula. Pode-se dizer que Lc 11,20 e At 10,38 são a chave da visão de Lucas sobre Jesus e o mal. No seus exorcismos, ele demonstra a natureza do Reinado de Deus; o seu ministério: todo pode ser descrito como a libertação de todos os que estão oprimidos pelos poderes do mal. Isso nos leva a nos perguntarmos sobre quais são as manifestações de "espíritos malignos" que oprimem no

fim deste século, no local da nossa missão? O que fazemos como religiosos para ajudar na libertação do povo e da criação inteira, desses males e das suas consequências nefastas?

Nestes versículos, Jesus liberta um homem e uma mulher; age num lugar público e num local privado; num lugar "sagrado" e num "profano". O poder e a missão de Jesus não se limitam a certos espaços ou locais. Também é abrangente – em Lc 4,40 ele impõe as mãos "em cada um deles", como Lucas faz questão de frisar – ninguém é excluído da ação libertadora de Jesus.

Jesus veio para pregar o Reinado de Deus – e é para isso que existe a Vida Religiosa. Se concretiza na conquista do mal, através do poder libertador de Deus, para homens e mulheres, excluídos e pobres, cegos e coxos, e as outras categorias de excluídos do mundo de hoje! No início do novo milênio, nós religiosos somos convidados a renovarmos o nosso compromisso, discernir os caminhos a seguir, explicitar a nossa missão e concretizá-la em ação e palavra, seguindo o exemplo de Jesus no quarto capítulo do Evangelho de Lucas, pois foi para isso que Ele – e nós – fomos enviados.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

1. Como Lucas descreve as tentações de Jesus e em que contexto ele insere essa narrativa?
2. Que configurações assumem em nossa sociedade hoje as tentações de Jesus e que desafios colocam para as comunidades religiosas?

 TOMAZ HUGHES: Teólogo e Professor de Teologia.

Endereço do autor:

Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887 - 80215-160 - CURITIBA - PR

Índice alfabético por autor

Convergência, ano de 2001

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 2001. O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo indica a página.

ACEVEDO, Ir. Pedro, FSC - A Vida Religiosa na América Latina e no Caribe: Alguns elementos para situá-la no momento atual	343/284
AMARAL, Júlio César Gonçalves, CSS - Graça e Liberdade como Experiências Cristãs Fundamentais	343/315
AMBRÓSIO, Ir. Márian, DP - Um Oceano entre Dois Mundos	339/43
AVELAR, M ^o Carmen Castanheira, Salesiana - Mística da Solidariedade na Vida Religiosa	348/610
BARROS, Marcelo - A Coragem do Futuro	347/548
BOMBONATTO, Ir. Vero Ivanise, FSP - Seguimento de Jesus: caminho para fraternidade e a comunhão Trinitária	347/559
BRIGHENTI, Agenor - O Desafio de ser Igreja hoje. Provocações à Vida Religiosa	344/339
BROSHUIS, Inês - A Caminhada da Catequese no Brasil	344/374
CASALEGNO, Francisco, SJ - Dar testemunho do Evangelho da Graça de Deus	346/466
COMBLIN, Pe. José - Ser Igreja Hoje. Reflexões também para religiosos/as	339/50
FARIA, Fr. Jacir de Freitas, OFM - Maria Madalena, a Mulher que Jesus tanto amou!	346/511
FREITAS, Ir. Maria Carmelita, FI - Que Vida Comunitária surgirá da Refundação	342/250
HUGHES, Tomaz, SVD - A Refundação da Vida Religiosa à luz das Sete Cartas do Apocalipse ..	343/265
HUGHES, Tomaz, SVD - O Dinamismo da Missão e a Experiência de Jesus e Lc 4	348/635
IVERN, Francisco, SJ - Fidelidade Criativa. Reflexões sobre uma Recente Experiência	341/143
JOSAPHAT, Frei Carlos, OP - Ética no passado e para o futuro da Vida Religiosa	346/493
JUNGES, Roque, SJ - Ética e Gênero: o paradigma do cuidado	348/591
LEERS, Frei Bernardino, OFM - Questões Éticas da Vida Consagrada Atual	342/215
LIBÂNIO, J. B. - A Arte de formar-se no limiar da Novo Milênio	344/357
LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal - A Eucaristia e Missão	345/416
MACCISE, Camila, OCD - A Liderança Dinâmica, em Tempos de Refundação	343/277
MAZZAROLO, Frei Isidoro - A Eucaristia no Evangelho de Lucas	343/294
MIRANDA, Ir. Arizete, CSA e LÓPEZ, Pe. Fernando, SJ - História de uma Pequena Experiência - Comunidade Mista, Multidimensional e Itinerante	341/169
MORRA, Ir. M ^o Helena, RSCM - Vida para todos no Novo Milênio: Releitura de uma intuição evangélica	345/442
MOSER, Frei Antônio - Biotecnologia: Enfim o admirável Mundo Novo?	345/426
MUÑOZ, Ronaldo, SS.CC - A Dimensão profético-política da Vida Religiosa	344/370
NERY, Ir. Israel, FSC - Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada	339/25
PALACIO, Pe. Carlos, SJ - A vida Religiosa Pro-vocada. Reflexão Teológica	339/13
PINHEIRO, Pe. Ernanne - Fórum Social Mundial I	341/186
RAMIREZ, Santiago, OFM - Cidadãos de fé	348/624
RICHARD, Pablo - A Igreja que opta pelos pobres e contra o Sistema de Globalização Neoliberal	342/203
ROY, Ir. Ana - Inserção ontem e hoje restaurar ou inventar?	346/504
SGARBI, Pe. Antônio Donizetti - Campanha da Fraternidade - 2001. Em busca do verdadeiro sentido da vida ameaçada pelas drogas	340/77
SOBRINO, Pe. Jon, SJ - Reflexões a propósito do terremoto de El Salvador	340/110
SOUZA, Carlos Frederico Barboza de - A Co-responsabilidade do Leigo na Missão e Carisma dos Institutos Religiosos - um novo capítulo nas relações entre religiosos e laicato	347/568
STADELMANN, Pe. Luís, SJ - Anunciação do Senhor	340/119
SUESS, Pe. Paulo - Medellín e os Sinais dos Tempos. Recuperar perspectivas de esperança a partir da realidade dos pobres	347/532
SUNG, Jung Mo - Solidariedade e Condição Humana	340/89
VIGIL, José Maria - Desafios atuais para a Espiritualidade da libertação	341/155
VITÓRIO, Pe. Jaldemir, SJ - O Discipulado Cristão no Processo Formativo da Vida Religiosa	342/228
WHITAKER, Francisco - Fórum Social Mundial II	341/190
WOLFGANG, Gruen, SDB - "Com Adultos, Catequese Adulta"	346/479

CRB (Informe)

1. Jubileu do Junioratô	339/8
2. Encontro da Diretoria Nacional, Conselho Superior, Conselho fiscal e CEN com os/as Presidentes e Assessoras Regionais	339/12
1. Pastoral da criança é indicada ao Prêmio Nobel da Paz 2001	340/72
2. Fórum Social Mundial - Proposta do Comitê Brasileiro de Organização	340/73
1. Curso de Capacitação de Lideranças para assessoras das regionais da CRB	341/137
2. 5ª Reunião ampliada do SVM	341/138
1. Junta Diretiva da CLAR	342/200
1. Mensagem ao Povo de Deus	343/263
1. Mensagem dos Organismos do Povo de Deus	344/331
2. Uma Visita a Manaus e a Boa Vista	344/333
1. Visita a Belém do Pará e a Macapá	345/393
2. II Encontro Inter-regional do GRENI	345/400
3. XIX AGO - Discurso do Núncio Apostólico	345/406
4. XIX AGO - Palavra de Abertura - Pe. João Roque Rohr, SJ	345/409
1. Mensagem da XIV Assembléia Geral do CIMI	346/460
2. Sinais de Esperança	346/463
1. Bíblia em Comunidade	347/522
2. Década para superar a violência 2001-2010	347/526
3. Segunda Semana Brasileira de Catequese	347/529
1. Vinho Novo em Odres Novos	348/588

EDITORIAL (Ir. Maria Carmelita de Freitas, FJ)

• "Há uma esperança para o teu futuro" (Jr 31,17)	339/1
• Sim à Vida	340/65
• "Ressuscitou e vos precede na Galiléia" (Mt 28,7)	341/129
• Um Símbolo no Mundo de Hoje	342/193
• "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20,22)	343/257
• "Tempo de Sinais, Sinais dos Tempos"	344/325
• "Há uma Esperança para o Teu Futuro" (Jr 31,17)	345/389
• Rumo ao Futuro	346/453
• Um mutirão pela paz	347/517
• É tempo de Utopia	348/581

JOÃO PAULO II

- Diálogo entre as culturas. Da mensagem do Papa João Paulo II para a celebração do dia Mundial da Paz	339/4
- O escândalo da fome é intolerável	340/68
- "A Vida como vocação". XXXVIII Dia Mundial de Oração pelas Vocações	341/132
- Mensagem para a Celebração do 34º Dia Mundial das Comunicações Sociais - 27 de maio de 2001	342/197
- Sobre o diálogo inter-religioso	343/260
- Saudação aos Membros do Santo Sínodo e aos Bispos da Igreja Ortodoxa da Grécia	344/328
- Aos Responsáveis das Oito Nações mais industrializadas do mundo	345/392
- Mensagem do Papa João Paulo II para o Dia Mundial Missões 2001 - 21 de outubro de 2001	346/456
- Mensagem ao XV Encontro Internacional de Oração pela Paz promovido pela comunidade de Santo Egídio	347/520
- Homília do Santo Padre na Solene Concelebração Eucarística para o Encerramento do Sínodo dos Bispos	348/584